

Fanztne

Número 8 | Julho 2022

LUZ & SOMBRA



EDITORIAL

Claridade e escuridão são aspetos que fazem parte do nosso mundo físico, no qual se sucedem ciclicamente. Face esta permanente alternância, em quase todas as culturas a imaginação humana associou a estas características o Bem e o Mal, a ignorância e o saber, ou, num sentido mais lato, o positivo e o negativo. Não surpreende, pois, que a dualidade entre as Luz e as Trevas seja um dos mitos principais nos quais assenta o Universo Simbólico da Maçonaria, em geral, e do Rito Francês, em particular. A demanda da Luz é entendida, nas nossas antigas Instruções Maçónicas, como sendo razão suficiente para que o Profano bata à Porta da Loja, consciente do seu estado obscurecido, e desejoso por alterar positivamente esta situação. Assim, a resposta “*Porque me encontrava nas Trevas e desejava a Luz*”, dada à pergunta “*Porque é que te fizeste receber Maçon ?*”, espelha bem a natureza voluntária da Iniciação Maçónica, enquanto ato livre e consciente de alguém que busca um nível ainda mais elevado de consciência, predispondo-se ao exercício de um pensamento próprio, emancipado de dogmas e de preconceitos.

Esta crença inabalável na capacidade de autoaperfeiçoamento do Homem deriva, naturalmente, das correntes filosóficas do século das Luzes, das quais a Maçonaria Moderna é uma filha predileta. Nesta revolução do pensamento Europeu, passou-se a acreditar que o Ser Humano é capaz de tomar o seu destino nas suas mãos, construindo a sua Felicidade e o seu Progresso através do uso esclarecido da Razão. Todavia, numa perspetiva Humanista, à Razão associa-se sempre a Consciência, fundamento da Ética, que deve subordinar o desenvolvimento de um Progresso emancipador, que se aspira a universal. Assim, esta passagem do Ser Humano de súbdito a Cidadão, impôs-lhe novos Deveres, cuja hierarquização se torna cada vez mais difícil, na complexização do mundo atual. No entanto, esta necessidade de permanente escolha não é nova, e já Martin Luther King exortava os seus contemporâneos, dizendo-lhes que: “...*cada pessoa deve decidir se vai caminhar na luz do altruísmo criativo ou na escuridão do egoísmo destrutivo...*”. Também o poder das falsas crenças, e dos perigos das alienações coletivas, já muitos séculos antes foi evidenciado por Platão, na sua genial “*alegoria da Caverna*”.

No mundo atual, no qual, em várias zonas do globo, se adensam as trevas do horror, torna-se cada vez mais necessário debate e combate. Debate, pois, não existe uma Verdade única, e porque a palavra é essencial, enquanto agente de transformação, e fundamento da formação de consciências livres e esclarecidas, capazes de balizar uma Ação Humanista, consonante com as verdades que a Razão e o progresso científico permitiram adquirir. Combate, porque há velhos obscurantismos, que se estão a reinventar no Aqui e Agora, e cuja inaceitabilidade é premissa de base para todo o Maçon. Foi pois assim, neste espírito, que escolhemos para este número da FANZINE o tema “*Luz e Sombra*”, na firme convicção que o nosso Ideal nos anima a acreditarmos, que mesmo na mais escura Caverna, brilha sempre uma pequena luz de Esperança.

Joaquim Grave dos Santos



ÍNDICE

1 - EDITORIAL

Joaquim Grave dos Santos

TEMA DE CAPA

3 - POR CAMINHOS OBSCUROS

Alberto Lourenço, MSPGV

6 - PUNIR OS ASSASSINOS?

Ricardo Gaio Alves

9 - A CONSCIÊNCIA É UM JUIZ INFLEXÍVEL?

OLHE QUE NÃO, OLHE QUE NÃO...

M B

15 - SOMBRA-LUZ, GUERRA-PAZ: "VENCER OU MORRER"

Alexandra Mota Torres

22 - DA METÁFORA AO SENTIDO DA VIDA - A JUSTIÇA

Maria José de Matos

28 - DIABOLICAMENTE FALANDO

Capela Miguel

31 - SERÁ O "ANDROID" O EXPOENTE MÁXIMO DA EVOLUÇÃO HUMANA?

Al Gore

RITO FRANCÊS

35 - NOTA BIBLIOGRÁFICA JEAN-CHARLES NEHR

Joaquim Grave dos Santos

37 - ORDRES DE SAGESSE DU RITE FRANÇAIS SENS ET PERTINENCE DES RITUELS

Jean-Charles Nehr

PORTUGAL ENTRE COLUNAS

42 - UM PRÉDIO NA RUA DA ESCOLA DA MEDICINA VETERINÁRIA

Ricardo Gaio Alves

DEGUSTAÇÕES

43 - RECENSÕES

ATUALIDADES

48 - COLÓQUIO WCF 2022 - PARIS

50 - BANQUETE DE ELEITOS NO CONVENTO DE CRISTO, EM TOMAR

POUR NOS LECTEURS FRANCOPHONES

Publicação digital do

Diretor
RICARDO GAIO ALVES

SOBERANO CAPÍTULO
FRATERNIDADE
ao Vale de Lisboa

Editor
JOAQUIM GRAVE DOS SANTOS

GRANDE CAPÍTULO GERAL DE
PORTUGAL - RITO FRANCÊS

Conselho Editorial
ALBERTO LOURENÇO
ANTÓNIO GARGATÉ
JAIME FREITAS
NUNO DE SOUSA NEVES

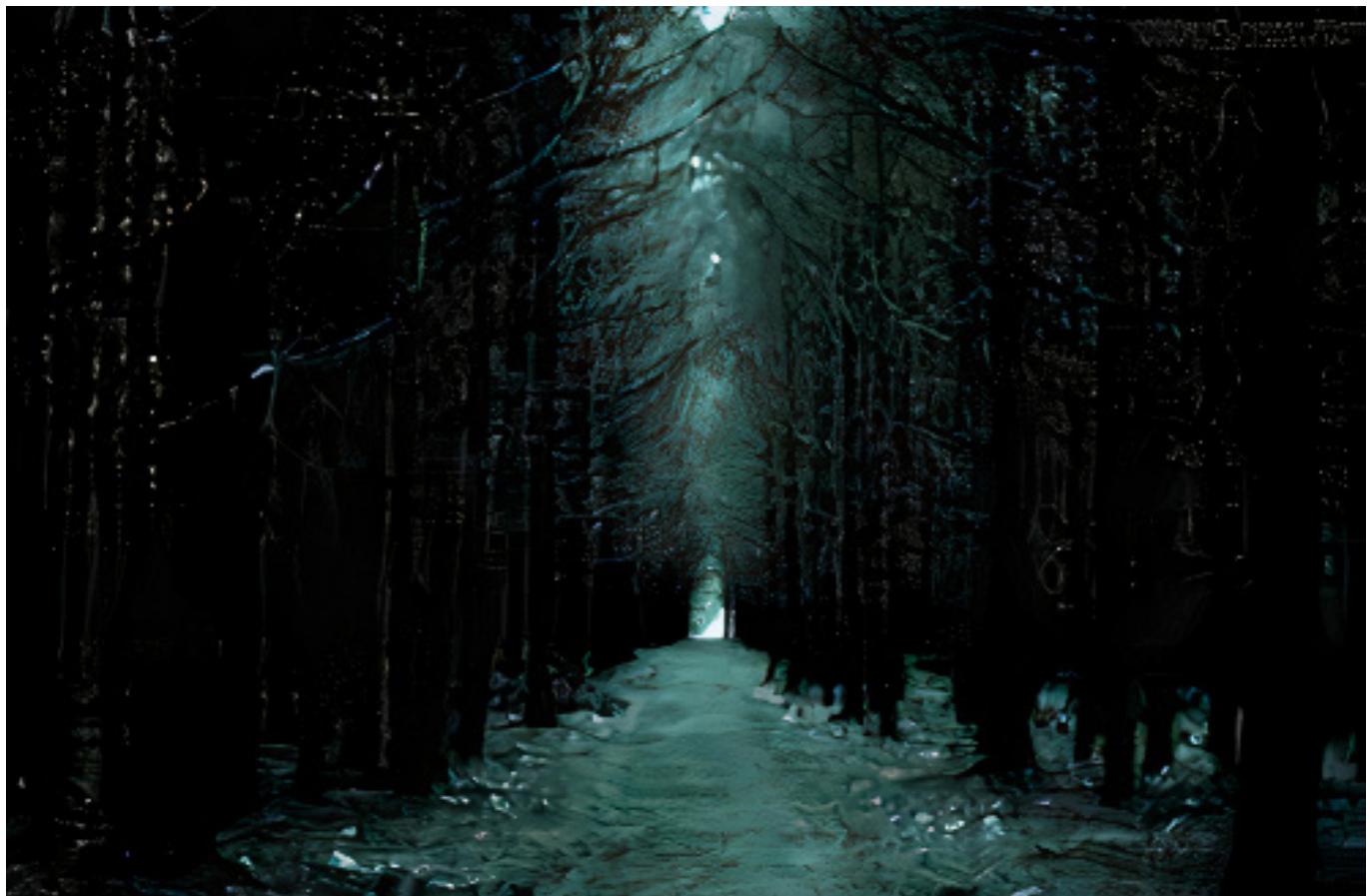
Design
JOÃO G.



S.C.: FRATERNIDADE
G.C.: G.P.: R.F.:
6009

Contacto: fanzine81@gmail.com

TEMA DE CAPA



por caminhos obscuros

ai senhor das furnas, que escuro vai dentro de nós, rezar o terço ao fim da tarde, só para espantar a solidão, rogar a deus que nos guarde, confiar-lhe o destino na mão⁽¹⁾

o primeiro caminho trilhado não é só obscuro, é feito literalmente às escuras, de olhos vendados, viagens não isentas de perigos, que todavia, quando as terminamos, parecem deixar-nos no preciso lugar em que as iniciamos e talvez seja essa a primeira mensagem, a de que há caminhos a percorrer mas que o sítio onde estamos é o sítio onde devemos estar

no desenvolvimento ritualístico, momento há em que, com a proteção de todas as aspas, nos é dada a luz

pelo facto de a escuridão ter sido anulada e o ambiente se ter tornado iluminado, intuímos que nos é proposto isso mesmo, o caminho da luz

no entanto, ainda não percebemos que caminho poderá ser esse e, tão só isso, o deixa obscuro

a obscuridade, neste sentido, provém da fraca percepção das coisas, do pouco entendimento, da ignorância, e do resto entender mal, soletrar, assinar de cruz⁽²⁾

a proposta inicial parece ser pois a de percorrer o caminho da luz, símbolo do que é certo e virtuoso, combatendo as trevas onde, ao que se diz, se alojam os vícios e a ignorância

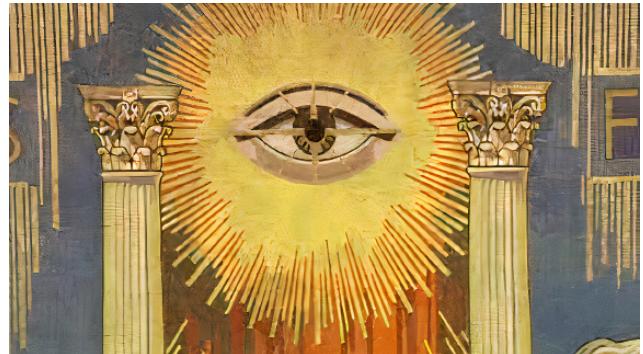
tudo isto simbolicamente, porque a luta entre a luz e as trevas não é uma batalha épica, sem fim previsível, que se trava desde sempre na imensidão do universo, bem pelo contrário, é uma luta que se trava nas sociedades entre seres providos de inteligência

mas mais do que isso, é uma luta inerente à consciência e à razão que dela provém, é uma luta que se trava em primeiro lugar nos nossos cérebros

o nosso cérebro interpreta, classifica, ora escolhe, ora elimina, e fá-lo por vezes sem o nosso consentimento consciente, pelo que o nosso entendimento da realidade pode ser eventualmente distorcido e nunca é, seguramente, igual ao dos outros

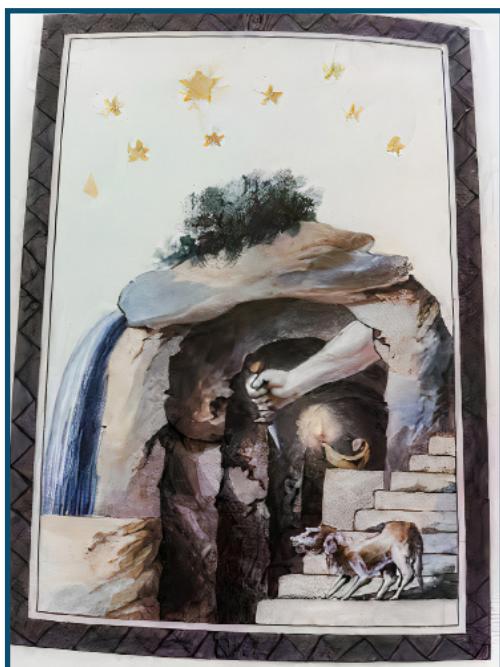
apelando à razão e à rationalização das percepções que temos do mundo, da realidade, scrutinando factos e indícios é o nosso cérebro que trava a primeira luta no sentido de sobrepormos o conhecimento, acerca do qual temos imensas dúvidas, ao irracional de que nada sabemos e que no entanto tantas vezes nos seduz

todo o progresso científico da humanidade se faz através deste percurso de procura de iluminação e discernimento no meio de uma envolvente obscura, ou seja, desconhecida, e que pelo uso da razão, da experimentação, da dedução lógica, nos leva ao encontro de explicações simples para realidades complexas, tateando, procurando, descobrindo, tanto pelo raciocínio individual como pelo diálogo, pela discussão, pelo confronto de ideias, com os amigos, com os companheiros de percurso



é para isso no fundo que a maçonaria nos encaminha, desde a primeira hora, para em conjunto construirmos caminhos discerníveis, físicos e intelectuais, que venham a desembocar no progresso individual, tanto quanto no desenvolvimento social

em particular o rito francês propõe-nos um percurso iniciático que se pretende coerente, e progressivo, desde os três primeiros graus simbólicos até ao fim das várias ordens dos graus complementares



caminhando por desvios e conduzidos pelo desconhecido foram dar a uma caverna de nome peculiar

do que se passou pelo caminho, para além do esforço que foi necessário para o trilhar, nada nos é referido, do que aconteceu realmente no interior da caverna ficam-nos as dúvidas, que alimentam a imaginação e a especulação

no rito francês, em todos os rituais dos seus diversos níveis, nunca nos é indicado o caminho da luz, o caminho da sabedoria, bem pelo contrário, o que nos é proposto é que o encontremos nós mesmos através da racionalização e da interpretação simbólica, filosófica e social das narrativas de base que nos são apresentadas



fazer isso é obrigar-nos a pensar e a especular, aduzindo argumentos, exercitando o contraditório e, fazendo-o em sintonia com as três dimensões propostas, simbólica, filosófica e social, conseguir acrescentar uma pedra, por pequena que seja

o que nos está sempre, mas sempre, a ser proposto é que por mais obscuro que nos pareça o caminho, nos aventuremos, não deixemos de percorrê-lo, ousando pensar pelas nossas próprias cabeças, o que quer dizer recusando ideias feitas, explicações não discutidas, não escrutinadas

e assim conseguirmos, quer sóz quer coletivamente, passar da norma divina à justiça dos homens, sem grandes sobressaltos unir a humanidade em torno dos valores que defendemos, treinar a desconstrução do obscurantismo instalado para melhor poder reconstruir os nossos ideais, perseguindo com denodo o objetivo da libertação e do total desenvolvimento

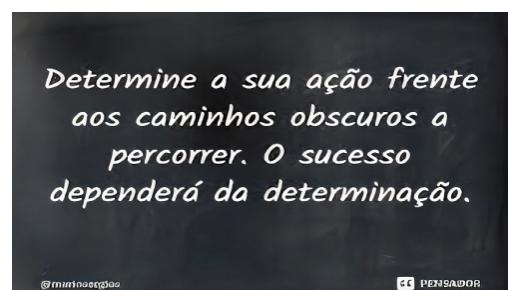
tudo isto sem esquecer os nossos deveres de transmissão, de formar outros se possível melhores do que nós e de utilizar todo esse valor acrescentado na construção do templo que fica bem para além deste nosso pequeno templo, dando corpo, no fundo, aos desejos utópicos de Condorcet que em 1795 escrevia, *as nossas esperanças sobre o futuro da espécie humana, podem reduzir-se a três pontos fundamentais, a destruição da desigualdade entre nações, o progresso da igualdade no seio do povo, enfim o real aperfeiçoamento da humanidade*⁽³⁾

ALBERTO LOURENÇO
MSPGV

*

(1) (2) Rui Veloso, a gente não lê

(3) caritat de condorcet, esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain





Julgamento Nuremberga 1945/46

Punir os assassinos?

A narrativa que todos conhecemos é marcada desde o início pela vontade, assumida pelo(s) candidato(s), de “*punir os assassinos*”. O candidato é confrontado com a divisão entre aqueles (muitos) que manifestam um veemente desejo de VINGANÇA e a voz central (isolada) que pretende sobriamente administrar a JUSTIÇA. Existirem duas possibilidades de resolver o problema da punição sugere que se pode escolher, e a escolha entre a vingança e a justiça exige muito, quer do indivíduo quer do colectivo. Ao primeiro, exige um esforço de contenção, de restrição dos impulsos instintivos e primários de cada um. Ao segundo, exige que a forma da punição não seja arbitrária, porque a regulação de um crime pelo poder legítimo de uma sociedade implica uma coerência com a punição de crimes futuros (ou até passados) dentro da mesma comunidade. Destas duas exigências, individual e colectiva, a menos difícil de cumprir é a da contenção, que só depende do próprio; a coerência entre a punição de crimes distintos em circunstâncias sociais diferentes é bem mais difícil.

"EU ERA APENAS UM FUNCIONÁRIO SUBALTERNO SEM AUTONOMIA", DIZ EICHMANN AO COMEÇAR SUA DEFESA



Julgamento Adolf Eichmann, 1961

Continuemos com a narrativa. É-nos dito seguidamente que “*o esconderijo dos assassinos é conhecido*” e que “*o crime não pode ficar impune*”. E é-nos atribuída pos Salomão a missão de prender e trazer os assassinos sem “*atentar contra as suas vidas*”. Portanto, espera-se de nós a contenção necessária para colaborar com a Justiça efectuando a detenção, ficando a forma da punição a cargo do poder legítimo.

No episódio culminante da narrativa, a punição acontece mas todavia de uma forma surpreendente e quase espontânea, não ordenada por Salomão, sem que seja sequer necessária a força física ou a coação. A simples presença de um mestre maçon, entende-se na Caverna de Ben-Acar, é suficiente para que a Justiça aconteça porque pode induzir os culpados à auto-punição. Devo assumir aqui o meu ceticismo perante esta conclusão, que me parece de um optimismo pungente mas irrealista. Dificilmente todos os culpados por crimes “*horrorosos*” acabam por fazer justiça a si próprios ou são vítimas de acidentes fatais durante a fuga.

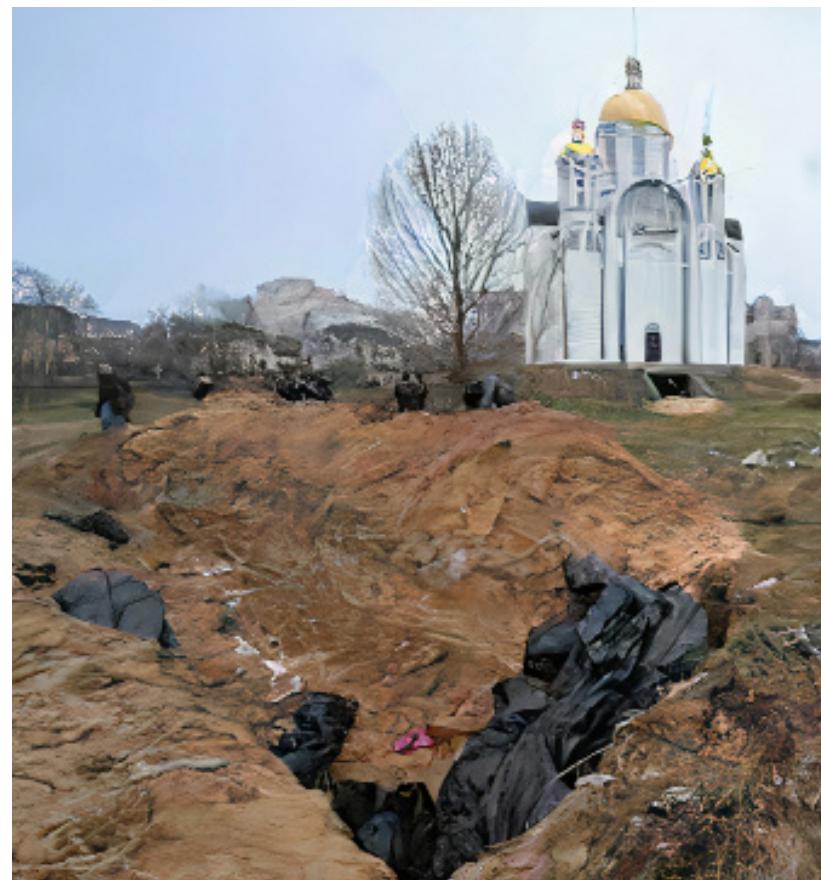
**“QUEM HABITA ESTE PLANETA
NÃO É O HOMEM, MAS OS
HOMENS. A PLURALIDADE É A LEI
DA TERRA.”**

Hannah Arendt

Deixemos agora o mundo simbolicamente isolado e ordenado da maçonaria, e deitemos um olhar para o mundo profano, aberto e caótico. O que vemos no mundo profano?

Como todos sabemos, há quatro meses uma das maiores potências mundiais invadiu um país vizinho. Esta guerra trata-se de um crime, ou da punição de um crime? Quem afirmar que se trata de um crime, provavelmente argumentará que uma guerra entre dois Estados só pode ser iniciada por um poder legítimo, e que o poder legítimo entre Estados é um poder aceitavelmente pelos próprios e comprometido com valores universalizáveis (como a paz), na forma de instituições internacionais. Quem afirmar que se trata da punição de um crime dirá que o poder legítimo, na prática, é cada potência continental ou apenas regional, e que acima do respeito pela soberania dos Estados está a esfera de influência de cada potência. Mais, os primeiros afirmarão que o Estado mais democrático estará sempre mais do lado da razão, e os segundos que é incoerente quem defendeu outras invasões criminosas condenar esta.

Bucha, Ucrânia



Devemos perguntar a cada parte: como imaginam que no final da guerra prevaleça a justiça? Porque se as instituições internacionais que trabalham para a paz já estavam enfraquecidas, há a certeza de que esta guerra as enfraquece ainda mais. E do outro lado, a potência regional que se considerou legitimada para iniciar uma guerra tornou-se execrada por muitos que lhe davam o benefício da dúvida. No final, os assassinos serão mesmo punidos? Ou esta guerra será mais uma num ciclo interminável de vinganças?

Cada um dará a sua resposta às questões que coloco, uma vez que em maçonaria, respostas antecipadamente escritas são só as dos Rituais.

Ricardo Gaio Alves





Auschwitz II - Birkenau/2012, Foto © João

A CONSCIÊNCIA É UM JUIZ INFLEXÍVEL?

Olhe que não, olhe que não...

Todos os anos, a 27 de Janeiro, dia da libertação do campo extermínio e trabalho de Auschwitz, localizado na Polónia celebra-se o **Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto**, genocídio organizado pela Alemanha Nazi, durante a Segunda Guerra Mundial, sobre judeus, anarquistas, ciganos, maçons, testemunhas de Jeová, homossexuais, deficientes físicos, doentes mentais, opositores de regime, entre muitos outros. Para que o genocídio ocorresse, da forma organizada que teve, os nazis criaram marcas específicas, cosidas nos uniformes dos prisioneiros e que identificavam cada grupo minoritário. O Triângulo Vermelho servia para identificar os presos políticos, entre os quais se encontravam maçons, mas não só. Não era o Triângulo da Liberdade, Igualdade e da Fraternidade, que os nossos irmãos traziam cosido nas suas roupas, mas o da barbárie, do horror e da morte.

Porém outras datas, outro campo, outro lugar é importante trazer à luz da memória; **5 de Maio de 1945, Mauthausen-Gusen, Áustria**, para assim

dizer que todos os dias são importantes para lembrar e deixar o aviso de que a liberdade e a igualdade, nunca são valores assegurados, havendo necessidade permanente de vigilância e combate aos discursos de ódio, formas de intolerância e outras práticas que conduzem à privação da liberdade, negação de direitos humanos, exploração e barbárie.



Localizado na Áustria, criado, por iniciativa privada de um oficial das SS, em Agosto de 1938, momento posterior à sua anexação pela Alemanha Nazi (12 de Março de 1938), porém ainda anterior ao do início da Segunda Guerra Mundial, Mauthausen é um dos mais conhecidos complexos de extermínio pelo

trabalho, e se não consideramos a fronteira Alemã resultante da Anschluss é o primeiro ser construído fora do território Alemão.

Ao longo do período de atividade o campo cumpriu uma função simultaneamente económica e de extermínio político, sendo um dos maiores complexos de trabalho escravo (com cedência de mão de obra a empresas locais) e serviu de exemplo à chamada indústria da morte. Os prisioneiros eram usados, em regime de trabalho forçado, no esforço de guerra, trabalhando em pedreiras e em fábricas de armamento.

Podem ser identificados em Mauthausen claramente dois períodos. Um primeiro com início em 1938, e que se prolonga até 1942 e um segundo, coincidente com a segunda metade da guerra e que se inicia em 1943 indo até ao dia da Libertação (5 de Maio de 1945).

Até finais de 1942, foi usado para prisão e assassinato dos inimigos políticos e ideológicos do nazismo. O extermínio realizado inicialmente através de duros e exaustivos trabalhos forçados efetuados na pedreira e fábricas, com jornadas diárias com jornadas de doze horas de trabalho. Aqueles já sem qualquer utilidade económica, eram mortos, com injeções intravenosas de veneno e cremados. No início o campo não estava equipado com câmara de gás e os prisioneiros destinados apenas ao extermínio, eram transferidos para outros campos para aí se proceder à sua execução. Entre 1940 e até finais de 1941, camiões transformados em câmaras passaram a percorrer os sub-campos do complexo para realizar aquela tarefa. A partir de Dezembro de 1941, foi instalada uma câmara de gás com capacidade para 120 pessoas e descontinuado o serviço dos camiões.

Na segunda metade da guerra (a partir de 1943), o campo assumiu mais a função de centro administrativo de onde os prisioneiros eram distribuídos para os sub-campos. Ao mesmo tempo prisioneiros doentes e incapacitados para o

trabalho eram transferidos dos sub-campos para Mauthausen para aqui morrerem, assumindo uma função exclusiva de extermínio.

Das várias práticas de extermínio ficará para sempre na nossa memória, aquela associada ao trabalho na pedreira, a conhecida “*Escada da Morte*” com os seus 31 metros de comprimentos, 189 degraus, cuja a altura de cada um podia chegar a 50 centímetros e que ao prisioneiros, em fila, percorriam carregando pesados blocos de pedra que podiam atingir 50 quilos. Não será difícil imaginar os momentos de esforço, sofrimento, exaustão e morte ali vividos.

Como certamente incompreensível às nossas consciências será recordar que por vezes nesta mesma escada viveram-se momentos de sadismo com os prisioneiros a serem forçados a subirem os degraus em passo de corrida, sendo imediatamente executados aqueles que caíssem, e também os que atingindo o final da longa escadaria confrontados com o “*Muro do Paraquedas*”, prática que consistia em alinhar os prisioneiros junto a um precipício, possibilitando-lhe a vida ou a morte, por fuzilamento, se recusassem a atirar o companheiro do lado precipício abaixo.



Mauthausen, Austria

Dos cerca de 198 mil prisioneiros que passaram pelos campos de Mauthausen-Gusen, estimam-se que 95 mil, cerca de 50%, não sobreviveram. Quando da libertação do campo, o que os primeiros soldados, do exército americano, encontraram foi aterrorizante. A diferença entre os vivos e os mortos era uma linha muito tênue: corpos esqueléticos sem vida amontoados, misturados com corpos esqueléticos de sobreviventes. Mauthausen foi o último campo a ser libertado pelos Aliados, o que ocorreu em 5 de Maio de 1945.

Impõem-se a reflexão perante e infinita capacidade de barbárie, crueldade, perversidade, falta de humanismo e indiferença que o ser humano, melhor dizendo alguns, muitos mesmo, transportam no seu comportamento e na sua consciência.

A Humanidade manifesta não tão poucas vezes, um sentimento de indiferença, seja ele individual ou coletivo, perante práticas e comportamentos, que ofendem e ferem a dignidade e os valores humanos; daí o título deste texto **A CONSCIÊNCIA É UM JUIZ INFLEXÍVEL? Olhe que não, olhe que não**, que traduz não ausência de esperança, ou descrença, mas a evidência da certeza da imperfeição humana e a enorme dificuldade em a ultrapassar, pois parece não serem suficientes, tanto o combate à ignorância como o apelo à prática da tolerância. O preceito maçónico “*Não julgues ao de leve as ações dos outros; louva pouco e censura ainda menos; lembra-te que para julgar os homens é preciso sondar as consciências e perscrutar as intenções*”, expressa a exata a medida da dificuldade e da eterna dúvida.



Terão Abibalc e os seus dois Companheiros, sido verdadeiramente sondados nas suas consciências? Nós, aqueles que procuramos a verdade, o que verdadeiramente sabemos e quisemos saber sobre a consciência dos três maus companheiros? O julgamento que deles fizemos baseado na narrativa do Grau de Mestre (...“no diz-se que”...), condenou-os por conspiração e ignorância, astúcia e ambição, ameaça e hipocrisia, numa presumível culpa que tem por base, por um lado a fuga, por outro o facto dos instrumentos encontrados terem a marca pessoal daqueles três maçons (este é o elemento objetivo de prova). Nenhum daqueles três companheiros foi ouvido, sondado na sua consciência, já para não dizer obviamente julgado em tribunal. A palavra que ficou por revelar, não foi só a do mestre, foi também a dos três Companheiros; ao primeiro prestamos merecidas e justas honras fúnebres, aos outros, a exposição das cabeças em praça pública a que se seguiu o seu envio para a fogueira (os tempos eram outros, é certo, mas há práticas, em diferente forma, que por vezes teimam em prevalecer – a Justiça,

parece mesmos no presente não deixar de andar, por vezes, de braço dado com a Vingança).

Chegados ao Grau de Eleito, voltamos a deparar-nos com um conjunto de máximas que nos convidam à reflexão, desta vez sobre a problemática da Justiça, não só enquanto ordem e lei, fundamental à construção da sociedade, mas sempre sobre a justa medida dos nossos comportamentos, actos e intenções. O Compasso permanece sobre a mesa dos Juramentos. Mesmo que indiretamente, é-nos recordado que o maçom procura ser um homem de bons costumes, forçando-nos uma vez mais ao confronto interno de cada um consigo mesmo, o que ocorre tanto na chamada Câmara de Preparação como mais tarde na Caverna de Ben-Acar onde salvo melhor opinião, volta a ocorrer uma renovação da passagem pela prova da água (depuração do nosso espírito, do nosso coração) e pelo fogo (reforço do carácter, que deve ser recto, firme, refletido e justo em todos os nossos actos e intenções).

Na Câmara de Preparação o Mestre Maçom confronta-se com as três máximas do Grau, sendo uma delas, recordo:

“**A Consciência é um Juiz inflexível**” à qual durante o decurso da cerimónia de recepção terá como resposta “**A punição é Certa**”. Como sabemos, por vicissitudes várias, nem sempre esta ocorre, e mesmo que ocorra, não deve apagar certos acontecimentos da nossa memória. Há “crimes” para os quais devemos estar permanentemente vigilantes.

A palavra “*consciência*” encontra-se presente ao longo de todo o percurso maçónico, na declaração de princípios, nos compromissos e juramentos, nos rituais, no catecismo de instrução, é uma das pedras angulares da construção, uma das palavras mais “*sagradas*”, podendo associar-se com o sentido moral de luz e trevas, certo e errado, de dever para consigo mesmo e para com os outros, no fundo é um sentir interno ou coletivo, das nossas ações no momento em que as pensamos, organizamos e executamos (este o aspeto que me interessa aqui trazer sobre a consciência) ou se preferirmos dizer em jeito maçónico o momento em que a palavra, mediada pelo silêncio, traduz o pensamento e projeta-se na acção. Haverá outros caminhos sobre a consciência que devem e podem ser instigados mas esses ficam para os psicólogos, psiquiatras, cientistas, e clero. Estou mais inclinado para a considerar como

um processo temporal, em permanente construção, fruto de relações sociais alicerçado em princípios e valores de natureza humana, por isso talvez a multiplicidade de consciências e a dificuldade para, não poucas vezes, as avaliar e compreender.

A palavra Juiz, que figura é esta que nos parece simultaneamente perfeita e justa, outras carrasco e injusta, será simultaneamente Salomão e Abibalc? Poderá a consciência ser JUIZ? Ou será antes no máximo um juízo subjetivo, volátil, com infinita elasticidade? Se por um lado Salomão, pode ser visto como o Juiz que representa a Ordem e a Lei, não pode nem deve julgar fazendo uso da sua consciência, pautada não poucas vezes por uma certa subjetividade, mas recorrer à razão, à tradição, à lei. Abibalc, este sim pelo contrário, tem um outro tribunal, a caverna, uma outra lei, a da sua própria consciência (influenciada por valores morais e sociais adquiridos), nunca será um Juiz inflexível e rígido, pelo contrário, toda a “justiça” e tudo o que venha a considerar justo, será pautado pela flexibilidade pelo interesse próprio.

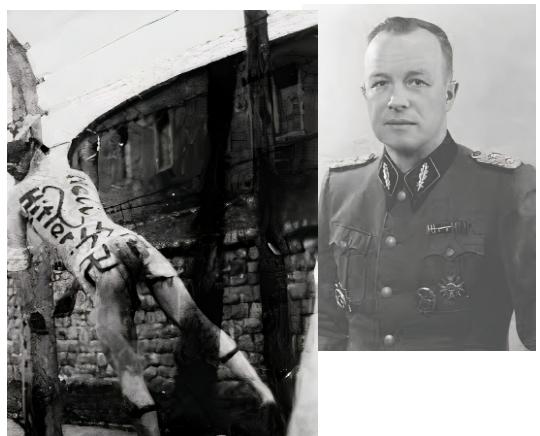
As máximas maçónicas, cumprem claramente a função e o propósito de progressão nos graus e a perspetiva filosófica dos mesmos, mas não podem nem devem ser tidas como verdades únicas, absolutas, interpretadas exclusivamente em sentido literal. Devemos ter perante elas um permanente e atualizado questionamento crítico dado que o seu alcance vai para além da construção do “eu” (do individuo, do cidadão) dirigindo-se à sociedade, ao chamado mundo profano, real, cru, por vezes cruel.



Regressemos então a esse mundo, que não podemos nem devemos esquecer, onde o lado mais sombrio das consciências se revelou, regressemos a 5 de Agosto de 1945, à Áustria, a Mauthausen,

ao dia da libertação para partilhar dois relatos absolutamente esclarecedores e ilustrativos da ausência de limite para consciência humana e do pouco que tem de Juiz inflexível, já que nenhum dos dois homens seguidamente referidos sente verdadeiramente arrependimento pelos seus actos. A ideologia que defendiam considerava a vida humana absolutamente desprezível, submetida a aspetos exclusivamente de luta racial, submissão e exploração do mais fraco pelo mais forte, fazendo lembrar um certo “*Darwinismo social*”, ignorando por completo a evolução da sociedade através da coperção e do apoio mútuo, conforme defendido na obra do cientista, instigador e geógrafo Piotr Kropotkin. Mas tenhamos igualmente atenção ao comportamento dos vencedores, aqueles que passaram a representar a nova autoridade.

• **Franz Ziereis**, oficial superior das SS, foi comandante dos campos do complexo de Mauthausen, entre 1939 e 1945, portanto com responsabilidade direta nas milhares das mortes ocorridas. Após uma desesperada tentativa de fuga sem sucesso, que o deixa às portas da morte, ao ser interrogado disse sobre si “*não sou um homem mau, cresci com o trabalho*” prestou de seguida um conjunto de declarações e esclarecimentos sobre os acontecimentos e os actos praticados em Mauthausen, denunciando responsáveis.



Após a sua morte o corpo foi entregue pelas forças Americanas aos ex-prisioneiros que o penduraram nu sobre o arame farrapado, aí permaneceu exposto durante vários dias até que o seu adiantado estado de decomposição levou as tropas americanas a retirar o corpo, fazendo recordar o episódio da exposição pública das cabeças dos maus companheiros e o quanto a consciência, dependendo das conjunturas, tem de flexibilidade.

• **Eduard Krebsbach**, oficial das SS, médico supervisor, entre 1940 e 1943, foi responsável, pela introdução no campo de Mauthausen das câmaras de gás por variadíssimas experiências médicas, e por um processo por ele criado, o da injeção letal de gasolina no coração. As suas práticas e as declarações em tribunal, em Maio de 1946, chocam pela natureza dos actos praticados, mas igualmente pela absoluta frieza das suas declarações de não arrependimento suportado numa cega convicção de estar a fazer o que era correto.



Durante o seu processo de julgamento, afirmou que recebeu ordens para “*matar ou mandar matar todos aqueles que não podiam trabalhar e os doentes incuráveis*”, acrescentou que cumpriu essas ordens “*da melhor maneira possível, porque era necessário*”, declarou ainda que “*As pessoas são como animais. Os animais que nascem deformados ou incapazes de viver são sacrificados ao nascer. Isso deve ser feito por razões humanitárias também com as pessoas. Isso evitaria muita miséria e infelicidade*”, disse ainda que “*Cada estado tem o direito de se proteger contra pessoas não sociais, incluindo aquelas incapazes de viver*”.

Mesmo que instigado a cumprir ordens o facto é que existem relatos de que, não poucas vezes seleccionava pessoas que poderiam ser curadas ou eram mesmo aptas para o trabalho, para morrer pelo processo das injeções, atestando desta forma um comportamento, intensão e vontade pessoal na execução daquelas práticas.

Condenado por crimes contra a humanidade, foi executado por enforcamento em 28 de

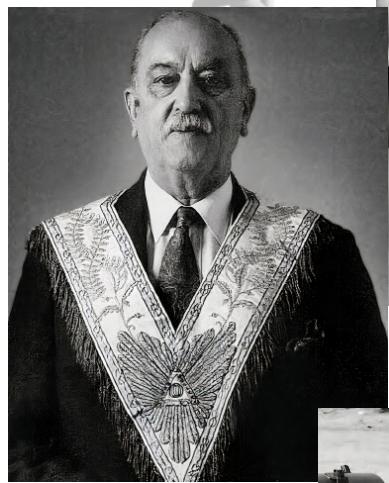
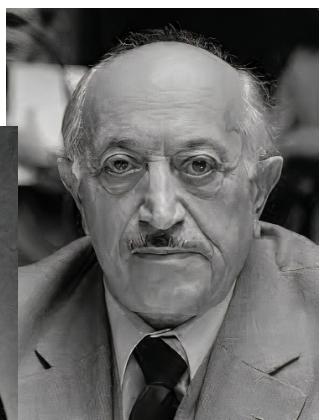
Maio de 1947. A pena de morte continua ainda hoje ser uma das soluções para a Justiça ou para a Vingança?

Permitam-me e para terminar dedicar este texto a todos aqueles que passaram por Mauthausen, desde os mais conhecidos, como Simon Wiesenthal, Francisco Boix, ou o Irmão Georges Marcou, que veio posteriormente a ser Grão Mestre da Grande Loja de França, até aos absolutamente anónimos, e uma dedicação muito especial para todos aqueles, que sobreviveram ao campo, homens para quem “*Vencer ou Morrer*” não foi o caminho; nunca venceram uma guerra, perderam-na em 1939 em terras de Espanha, foram declarados apátridas, deportados, assim viveram grande período da sua vida, muitos jamais regressaram à sua Pátria e até há bem pouco tempo continuaram por ela ignorados; foram e são homens que resistiram e sobreviveram, não menos importante que “*Vencer ou Morrer*”, transmitiram pela palavra, pelo testemunho, pela imagem o conhecimento da verdade sob um dos períodos mais negros e sombrios da história da humanidade, preservaram na memória um legado de princípios e valores, e a certeza de que todas as batalhas que travaram fizeram-no, em consciência, pelo que consideravam justo, e correto... os seus depoimentos, as suas vidas, para quem o quiser fazer, podem ser encontradas, na Web – são uma minoria dentro das minorias, marcados por um triângulo azul com a letra S ... “*Y'en a pas un sur cent et pourtant ils existent. La plupart Espagnols allez savoir pourquoi. Faut croire qu'en Espagne on ne les comprend pas...*” (Leó Ferré).

M B



Simon Wiesenthal



Georges Marcou GM GLdF



Francesc Boix





SOMBRA-LUZ, GUERRA-PAZ: “VENCER OU MORRER”

INTRODUÇÃO

Propõe-nos esta Publicação Virtual, FANZINE, já no seu número oitavo, fruto do trabalho empenhado e rigoroso dos Eleitos do SC Fraternidade do GCGP-RF, em que muito me honra participar, uma reflexão sobre sombra e luz. Afinal, ainda recipiendário, depois neófito, o iniciado e o maçon que percorre a via que aceitou para o seu aperfeiçoamento pessoal e cívico se confronta com esta realidade, aliás dando corpo a um dos mitos do Rito Francês: a passagem das trevas para a luz, escorado no princípio que ao profano se contrapõe o iniciático, numa espiritualidade laica.

Não será estranha a esta temática a paisagem geopolítica e a situação humanitária em que o velho Continente se encontra porque, sem hesitação, **sombra e luz** são sobreponíveis a **guerra e paz** e, por consequência, à divisa do Eleito – **Vencer ou Morrer**.

É neste pavimento mosaico, branco e negro que nos obriga a reflexão proposta, tal como apreendemos o que é ser Maçom do Rito Francês, ou seja, procurando o essencial no tempo em que vivemos, recorrendo à simbologia como uma lente, que permite uma leitura que conduz a observar o mundo com uma luz específica e um ângulo particular.



A LUTA DA SOMBRA E LUZ

A problematização da luz como modeladora da imagem, os efeitos físicos que a luz provoca nas diversas superfícies e as emoções que suscita, tem implicações psicológicas.

Como escreveu Deleuze, “é preciso pegar nas coisas para extrair delas as visibilidades. E a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contacto da luz com as coisas”¹ e é por isso que, no seu sentido mais profundo, luz e sombra nos faz viajar entre o templo e o tempo, entre a luz e a obscuridade, em liberdade absoluta de consciência.

A disputa entre luz e sombra, do nascer ao por do sol, representada pelo ritual diário de nascimento e morte, as batalhas travadas entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre o que posso e o que devo, as batalhas verdadeiras e espirituais, tem construído sensibilidades e formas de apreensão e entendimento da metáfora da vida.

O constante caminhar entre o branco e preto constitui a base para a compreensão do fenômeno iniciático e da ação da Luz e da Sombra na Maçonaria Tradicional.

Este persistente deambular entre o claro obscuro será, portanto, uma busca das referências internas e externas à luz e sombra, primordialmente aplicadas ao segredo que a Iniciação comporta.

“A soma das sombras é proporcional à soma das luzes, e quanto mais forte é a obscuridade que se vê, mais

esplendor tem a luz”², escreveu Leonardo da Vinci nos seus estudos sobre a Luz aplicada à pintura, mas referindo-se por analogia ao pensamento humano.

Também Goethe no seu afincado trabalho de estudo sobre a Luz afirmou que “tudo o que se vê surge exatamente deste jogo entre o claro e o escuro”³, ou seja, ainda que ele se refira à imagem pura e dura, pensamos que é nesta matriz que se desenvolve a dualidade do pensamento maçônico desde o primeiro dia, quando os olhos nos apontam o Pavimento Mosaico.

A Maçona, imbuída da percepção e sensação da luta entre os opositos, dos contrastes, das densidades psicológicas do jogo de luz e sombra, percebe que para progredir na sua demanda maçônica, esta é a única via, sentindo-se obrigada a escolher, obrigada a decidir, mesmo que por vezes o caminho seja o do meio.

Do escuro da mente, do VITRIOL inicial, da escuridão da caverna, irradia a luz que constitui a semente que germina e cresce, para compreender os elementos de edificação dos templos Interior e Exterior, abrindo caminho para a LIBERDADE, para a Liberdade do Eleito de escolher entre querer Vencer ou Morrer.



¹ DELEUZE, Gilles, (2000) . Conversações, pag 120, Editora 34, Rio de Janeiro

² VINCI, Leonardo da Tratado da Pintura e da Paisagem “O verdadeiro Mestre é universal” (col. A pintura. vol 10 – Os géneros pictóricos, Coord. Lichtenstein, Jaqueline) São Paulo: Ed 34, 2006.

³ GOETHE, J.W. (1993) Doutrina das Cores. Nova Alexandria, São Paulo.

VENCER OU MORRER

Ao sermos recebidos na I Ordem é nos colocada um faixa negra, ou seja, somos reconhecidos como tal – Eleitos.



Nessa faixa negra, gravado a prata está o monograma V.:A.:M.: – *Vincere aut Mori* - Vencer ou Morrer. É mais um enigma a descobrir sem perder de vista um sistema de iniciais, encetado com o nosso avental de Mestre Maçom, que têm um profundo significado tanto pelo que encerram como pelo que expressam a quem as souber decifrar.

Esta divisa, abstrata, subjetiva, pode ser interpretada à luz de várias linguagens. Abrem-se numerosas vias de reflexão e urge cumprir uma das obrigações do Mestre - “reunir o que está disperso” e conseguir sistematizar ideias. Vencer o quê? Vencer quem? Onde chegar?

Na primeira das Ordens de Sabedoria, em que predomina o tema da Vingança e da Justiça - V.:A.:M.: - Vencer ou Morrer – transporta-nos de imediato, para a luta pela honra, pela sobrevivência, pela Liberdade, para o suicídio, para a morte como ato de honra ou coragem ou ainda para o amor à vida, a dor, o sofrimento, a perda, a desilusão.

V.:A.:M.: conduzir-nos-á, então, ao caminho da reconstrução, a partir de uma dualidade inerente a toda a aprendizagem maçónica! Depois de

interrompida a construção, após a morte de Hiram, vivendo o luto da perda do Mestre, é necessário lutar e vencer todos os obstáculos para e vingar com justiça o seu homicídio e recomeçar o trabalho até concluir a Obra.

Perceber o que significa V.:A.:M.: é interpretar os vários sinais que a História, a Filosofia e a Ciência já estudaram. Do que fui capaz de reter, hinos e reflexões universais conservam uma acuidade e uma contemporaneidade surpreendentes, já que continuam verdadeiros.

Por toda a história da luta política e da guerra perpassa a ideia de que vencer é a única opção possível: - Aníbal Barca, Júlio César, os Templários, os Revolucionários Republicanos Espanhóis, os Sindicalistas, os Comunistas e os Antifascistas, os membros de determinadas Companhias Profissionais, os Militares, todos têm uma divisa e um ideal que remetem para o “*Vencer ou Morrer*”.

Podia citar outros, mas Malraux, no seu livro “*A Esperança*”⁴, que descreve os conturbados primeiros meses do grande conflito que dilacerou a Espanha entre 1936 e 1939 sintetiza: “*Não há 50 maneiras de combater, há apenas uma, que é a de ser vencedor. Nem a revolução nem a guerra consistem em se satisfazer a si mesmo*”. E, de tudo isto, ressalta uma ideia principal:

Vencer é Viver - Perder é Morrer!

É na ciência que também procuro esclarecer-me: então, “vencer OU morrer”, torna-se no “viver E morrer”, na perspetiva da nossa finitude indubitável.

Com efeito, se a vida, é a primeira célula que cria o substrato da evolução e a morte o fim dos processos que permitem a uma célula ser autónoma, replicar-se, ter a faculdade de assimilação, o Homem, é o momento a partir do qual, devido à sua evolução biológica, um ser humano gera uma cultura que interage com as suas possibilidades cognitivas: a partir daí, a sua evolução comportamental e o crescimento das suas capacidades técnicas vão deixar totalmente de ser biológicas, para serem apenas culturais.

Outro mais sábio que eu poderia, estou certa, discorrer sobre a biologia, a medicina e as novas

⁴ MALRAUX, André A Esperança, Lisboa: Edição/reimpressão 2015 Livros do Brasil.

teorias de saúde e bem-estar sobre o prolongamento da vida, mas o que me interessa partilhar é que, para além do ser vivo que somos, construir/edificar um ser humano, implica em primeiro lugar criar um “EU” autónomo, depois ter a capacidade de criar diversidade intelectual e cultural, atribuir-lhe um cariz próprio, dar-lhe um sentido, incluí-la num sistema de valores e princípios, estando esse “EU” comprometido, ligado a um coletivo.

A procura da imortalidade é um velho sonho da humanidade. Mas será que a Ciência estará certa sobre o que nos faz viver ou morrer?

Nada mais certo na vida do que a morte e a nossa tranquilidade de seres humanos e cidadãos passa pela aceitação dessa irrefutável verdade. A morte tem a ver com o consciente, mas também com o inconsciente. “*Não se trata apenas de um facto biológico, mas profundamente humano. A aceitação da morte constitui certamente um dos maiores sinais de maturidade humana*”⁵, porque a morte, paradoxalmente pode ensinar a viver.

Fazendo a morte parte da vida, não podem os Eleitos deixar o seu estudo apenas a biólogos e médicos, filósofos e escritores, aos teólogos e psicólogos. Compete-lhes também interpretar esse fenómeno, “*já que a maior parte do nosso comportamento enquanto seres vivos pode ser considerado como uma resposta à problemática da morte*”⁶ e ao temor que a finitude nos provoca.

Os filósofos já foram muito longe na análise dos conceitos de liberdade, de consciência e de responsabilidade. De tudo o que aprendi, escolho aqueles que pensam que mais que ser livre, o ser humano conserva em si a extraordinária aptidão de decidir dos seus próprios determinismos, e destaco José Ortega y Gasset: “*eu sou eu e a minha circunstância*”.

O Eleito, entre os outros seres humanos, tem de ter uma consciência em progressão, mesmo quando atravessa o deserto de Joppa em direção à caverna de Ben-Akar, tendo como armas a sua vigilância, os seus requisitos morais e os talentos de criação e de transmissão.

Numa sociedade em crise, mais que económica de

valores e civilizacional, V.:A.:M.: alerta-nos para as opções que favorecem a “*lei do mais forte*” em detrimento da vitória do melhor.

Vencer é viver com princípios e valores, morrer é abandonar-se às conveniências de cada momento, sem rumo positivo nem rota acertada.

Nesta busca de vencer no mundo, custe o que custar, não estará a Humanidade globalizada a desprezar valores importantes, como a solidariedade, a paz interior, a intervenção cívica e de cidadania e a hipotecar a harmonia e o equilíbrio a um economicismo egoísta e hedonista?

Não será que a conquista de uma espiritualidade moderna resulta da renúncia e partilha dos bens materiais e requer incursões difíceis no campo da indigência e da enfermidade, exercendo no real a solidariedade e a filantropia?

Neste caso, quem ganhou e quem perdeu aos olhos do mundo? Alguém terá a resposta?

No nosso caso, há que arriscar morrer e V.:A.:M.: adquire então um significado simbólico primordial que é partir à procura dos assassinos de Hiram deixando para trás o medo. Medo de não ser capaz, medo de não conseguir ser agente da justiça necessária, medo de ter de comprometer a sua vida nesta árdua tarefa, apesar da ordem de Salomão.

Voltemos, pois, à questão da coragem, da força e da vontade. Mas, tenhamos presente que de uma morte deve transcender um objetivo superior, que tem de ser elevado, transformado numa “*boa causa*” coletiva, ultrapassando o que é o individual. Tal como “*os Oficiais se levantam-se e rodam*” ou ainda como a escolha das palavras substituídas após encontrar o cadáver de Hiram, da morte faz-se vida, outros membros do grupo, irmãos e irmãs, cumprirão a ideia, permitirão que se restabeleça a ordem no estaleiro, e continue a Construção. É isso que podemos ler nos nossos Rituais e na nossa Carta.

A maçonaria é também história, de ontem, de hoje e do amanhã de que procura ser alavanca.

A Eleita da 1^a Ordem deverá estar comprometida na

⁵ BRACINHA VIEIRA, A. (1987) Da morte e do morrer. *Psicologia*, 5 (2), 139-135.

⁶ BARROS, J (1998) *Viver a Morte - Abordagem antropológica e psicológica*, Coimbra: Almedina.

luta pela Liberdade e pelos Direitos Humanos, bem como dos valores da Democracia.

O ponto de apoio da alavanca terá de ser o ideal partilhado de Fraternidade, consubstanciado na *“tolerância mútua, no respeito pelos outros e por si e na liberdade absoluta de consciência”*⁷.

Os Eleitos estão simbolicamente investidos por Salomão tendo por missão vingar a morte de Hiram. Quais são as nossas armas simbólicas? Certamente que o punhal, mas também a Luz que cintila na obscuridade da caverna, o encontro frontal com o inimigo, o Outro, que é, ao mesmo tempo, meu Semelhante.

Então, se o Outro é o traidor, o que escolhe desferir em si um golpe de punhal, se o Outro é o que foge pela ravina, se é o que prefere morrer a sofrer as consequências dos seus atos, e se o Outro é meu semelhante, então eu sou o Outro e por isso devo matar em mim, numa luta difícil e ambígua o que quero matar no Outro.

Detenhamo-nos então neste ato em que o ritual nos dá uma lição magnífica. Joaben, preparado para vingar a morte do Mestre, é surpreendido pelo suicídio do mau companheiro. *“A atitude ou o gesto suicida veicula um intolerável tormento interior e ninguém consegue ficar indiferente face à vontade firme de morrer por iniciativa própria”*⁸.

Para Abiba'al, aparentemente, o suicídio era mais honroso do que cair prisioneiro. Estando escondido tinha apenas medo de ser capturado ou será que a semente da sua consciência de Iniciado o fez ver a gravidade do seu crime? Terá sido tocado pela luz na obscuridade?

Também os outros dois cúmplices se precipitaram por uma ravina. Subsiste a mesma dúvida. Aos três tinha sido dada a oportunidade de chegar mais perto

da verdade e da sabedoria e nenhum conseguiu perceber o que fazer com esse conhecimento. Mais que um ato que se pode classificar de egoísta, a violência desta autopunição, o suicídio, poderá ser a forma mais veemente de cobardia. Matar o Mestre por ignorância, fanatismo e ambição, ter consciência desse ato fez com que os três maus Companheiros se observassem na ausência de referenciais de conduta de vida e lhes fosse impossível olhar para si próprios sem repugnância. Pelo castigo que se auto impuseram, conseguiram que fosse feita justiça sem vingança, tal como entendemos a mensagem da I Ordem. Quero acreditar que o seu último pensamento fosse o de desejar morrer para renascer diferente, mas, neste caso, não havia lugar para o perdão, nem para que a vida pudesse vencer. *“Muitas vezes, o nosso quotidiano é vivido em função de uma consciência profunda dos seus limites, por um lado, e de uma luta constante na tentativa de os superar, por outro”*⁹.

O crescimento pessoal faz-se, muitas vezes, pela perda, pela separação, pela morte, derrotas que se transformam em vitórias, em sabedoria, em experiências e vivências irrepetíveis que nos trazem riqueza interior. Paralelamente o Eleito também tem de sofrer, transformar-se, matar os maus companheiros que existem dentro de si, superar-se, vencer o seu narcisismo, repelindo tudo que possa afastá-la da procura da verdade e do conhecimento. Aniquilar os vícios e as paixões, tornar-se digno de procurar o Mestre Hiram é, então, travar primeiro os inimigos escondidos dentro de si para que os adversários que se apresentem no exterior não possam ter eco.

Só com humildade, caminhando em direção à Luz que avista na caverna o Eleito poderá reconhecer esses defeitos e vencê-los. Se nos deixamos ficar acorrentados às nossas imperfeições então é a morte que vence.



⁷ Carta do Rito Francês - GCGFF.

⁸ SAMPAIO, Daniel (1991) Ninguém morre sozinho, Lisboa: Editorial Caminho.

⁹ BLUMENBERG, H (1990) Naufrágio com espectador: Paradigma de uma metáfora da Existência, Lisboa: Vega

Karl Jaspers, filósofo que coloca no centro do seu pensamento o ser humano, e procura através da sua Filosofia da Existência, mostrar a importância da ética afirma “*A existência não é absoluta, é a existência possível. Uma superação constante de si mesma, feita de luta, fracasso e fé filosófica. A existência não é um valor nem um conceito. É liberdade, comunicação, historicidade*”.



Nesta aceção, na vida temos de manter uma abertura constante e permanente e saber equilibrar as tensões entre a Razão e a sua universalidade e a Existência e a sua singularidade incomunicável. Dessa união devemos retirar o sentido da vida e fazer o compromisso do “*eu-comigo-mesmo-com-o-outro-e-com-o-mundo*”.

Vencer a morte é vencer a inércia espiritual; vencer a rotina do suceder repetido de dias e de anos; criar novas atividades, novas ideias e um novo ser humano das cinzas do velho ser, este sim, que deve morrer definitivamente: o velho homem de preconceitos e temores seculares.

Assim, a cada morte e renascer diários, a cada amanhecer que suceda à noite da transição, saibamos experimentar a sensação de vida que se desprende de toda a atividade construtiva que sejamos capazes de empreender.

GUERRA E PAZ

Recentro o tema proposto no AQUI e AGORA que nos é tão caro e que nos caracteriza como Maçons do Rito Francês - o simbolismo e a base filosófica das Ordens de Sabedoria visam promover uma perspetiva social útil à humanidade na confrontação do maçon com os seus direitos e dos seus deveres perante a polis - e não posso deixar de, a propósito de derrotas e vitórias, pessoais ou coletivas, referir o momento que a Europa vive.

Desde 24 de Fevereiro que o mundo foi abalado pela uma intervenção militar russa na Ucrânia. Jamais um maçon, militante de uma ética humanista, pode estar de acordo com um tipo de conflito bélico, mesmo quando, supostamente, a guerra se funda em altos princípios de valores morais...

Nesta guerra a que vamos assistindo de forma televisionada, comentada e esmiuçada de uma forma parcial e enviesada (penso que) a enorme maioria de nós deseja que os invasores sejam vencidos e os atacados sejam os vencedores mas, em verdade, esse desejo não nos pode cegar e não pode conduzir a que possamos pensar que, no fim, os vencedores são imaculados, puros e limpos de qualquer pecado e que se vão juntar à “*Europa*” sem que todos tenhamos percebido a realidade dos factos e que a “*justiça*” que se venha a fazer não seja *Justiça* mas, mais uma vez, a já referida “*lei do mais forte*”, que configura, muitas vezes, a ideia de vingança!

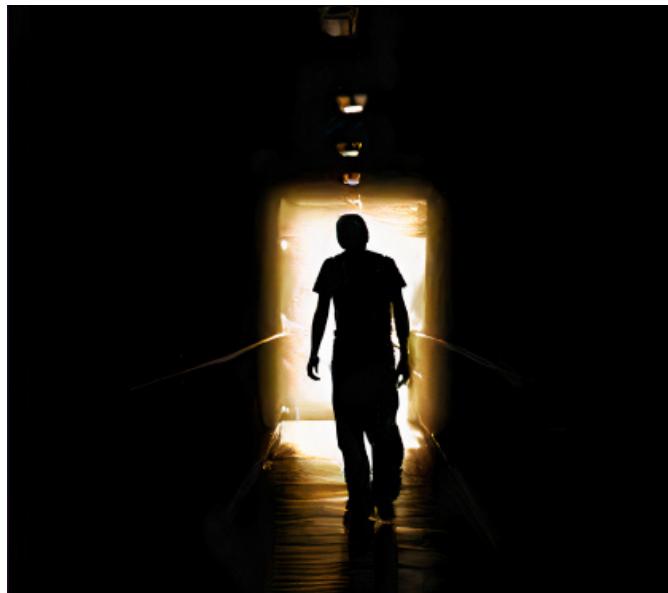
“*Vencer ou Morrer*”, nestes tempos conturbados, vai para além da sua própria estrutura, alicerçada entre opositos, de quem guerreia e luta pelo seu povo – e este “*seu povo*” poderia levar a mil dissertações até que conseguíssemos determinar com verdade e fielmente qual é o seu povo e de que povo falamos em cada área ou zona onde a guerra campeia – e almeja a vitória.



“*Vencer ou Morrer*” é, hoje, mais do que isso, porque neste “*vencer ou morrer*”, no final desta guerra horrenda, poderá estar em causa a destruição da nossa democracia e dos seus valores e pode ocorrer que essa morte aconteça com a vitória dos mais frágeis e daqueles que foram atacados e invadidos.

“*Vencer ou Morrer*” hoje, passa por sermos capazes de defender de forma total valores como o direito à informação verdadeira e real e por sermos capazes de assumir que aqueles que sabemos serem as vítimas desta invasão não estão livres do uso do punhal e que

só a vigilância cívica nos permitirá defender a nossa construção democrática – muitas vezes sustentada na dicotomia “bons/maus”, “democracia/ditadura” “liberdade/repressão” – ou estaremos a concordar viver num mundo ao jeito de Orwell e Huxley, onde o pensamento único e o sentir único nos serão vendidos como infalíveis e inultrapassáveis e a quem não é permitida a liberdade de opinar diferente, vigiados pelos polícias do mundo e sujeitos aos cenários que conhecemos nos media e redes sociais, onde reina o insulto, a humilhação do desigual e se tenta formatar a opinião pública.



“Vencer ou Morrer”, hoje, é fulcral e não nos pode impedir de ousar pensar!

CONCLUSÃO

Concluo com a convicção de que o Eleito tem de ser justo e recusar a vingança, que a consciência dita a mais dura das leis, que a Maçonaria rejeita toda e qualquer ação que, perpetrada em nome de qualquer que seja a cultura, tradição, religião, filosofia e coloque em causa dois dos valores essenciais da nossa Ordem: a Vida Humana e a Liberdade.

Para todas as vítimas sejam quais forem o seu género, idade, nacionalidade, cor de pele, etnia, crença, opiniões, profissões e ocupações, lugar de habitação, grau de cultura, nível de desenvolvimento desejo uma “*justiça justa*”. Viver segundo os princípios Maçónicos é olhar às necessidades evolutivas da consciência e à urgência em desenvolver melhores sentimentos e melhores atitudes perante si mesmo e perante o próximo.

Saibamos, todos, “*Vencer ou Morrer*”, sendo uma torrente de Liberdade onde a Humanidade, tal como Joaben, se refresque, para acalmar os seus sentimentos agitados. Consigamos aliar a compreensão do texto e do mito à noção de Liberdade e encorajar à ação e à militância do humanismo, com a inquietação de quem olha e vê o mundo à sua volta e se compromete, na sociedade em que vive, a lutar pelos princípios e valores da Maçonaria.

Isto é vencer!

Alexandra Mota Torres





Da metáfora ao sentido da vida – A Justiça.

**Que vingança era permitida aos Maçons?
O justo castigo dos assassinos do seu R.:M.: Hiram
por ordem expressa de Salomão**

Instrução da 1^a Ordem

Da metáfora

A preparação deste texto da 1^a Ordem trouxe-me à memória George Bataille¹ - *A experiencia interior* - que li pela primeira vez em 1984. Mas ao colocar-me entre o mito de Hiram e o sentido que atribuo à realidade metafórica que o mito encerra, reconheço-me distante das palavras do filósofo.

A experiência interior não nos conduz exclusivamente à obra poética, num sentido estrito. Bataille acreditava que apenas o sensível conseguia apagar toda a abstração racional do excesso de intelectualidade e conhecimento. Mas, o progresso científico mostrou-nos que no caminho da consciência, sentir e saber não se excluem. (A.Damásio).

¹ Bataille, G- *La experiencia interior*, Taurus, Madrid, 1981.

A poesia faz-se com metáforas e símbolos, e não apenas com emoção, e ainda que «o maçon seja um poeta que faz os versos com os seus passos e os cantos com os seus gestos; ele faz ritos com os mitos» como escrevia Bruno Princhar. Porém, a poesia e a maçonaria convergem nos mitos mas divergem nas suas finalidades.

A metáfora, não é um mero ornamento do discurso. Tem mais que um valor emotivo, porque oferece uma nova informação a quem a usa. Ou seja, uma metáfora engendra uma diversidade conceptual, um número ilimitado de interpretações, dizendo-nos algo de novo acerca da realidade². Ora, na abordagem do mito de Hiram não estou entre o amor e a justiça, mas numa mensagem sobre a justiça, ainda que a tolerância com o erro exija amor ao outro.

No caminho da consciência reconheço o amor que dá alento à poesia, mas acredito que a experiência interior é enriquecida pela comunicação profunda entre os seres vivos que, parecendo-se uns com os outros, alimentam a amizade e o amor, mas também comungam valores racionais. Deste modo, ao relacionar a metáfora com o sentido da vida, estou mais perto de Hannah Arendt, uma vez que é o movimento circular que vai da realidade à metáfora e desta à realidade, que me sugere o sentido da vida. Ou seja, o sentido da vida, para mim, resulta do real vivido de forma racional e sensível ao mesmo tempo, numa dinâmica motivada pela compreensão do eu e do outro em plano de igualdade.

O sentido metafórico do mito de Hiram encerra um discurso que me conta uma realidade, que eu interpreto de acordo com o meu saber e sentir.

Partindo do princípio de que o pensamento do homem não é rectilineo, não começa com um objectivo e acaba na cognição do mesmo, o pensamento é uma procura constante, uma actividade invisível e imprevisível. Pensar a metáfora é demarcar o campo de interpretação, encontrar um sentido ou mesmo um símbolo, tornando actual uma narrativa intemporal. Mas a interpretação do

símbolo como da metáfora é sempre condicionada pelo presente e pela capacidade de saber e sentir do ser humano.

Conhecer a polissemia da metáfora torna-se pois, uma actividade relacionada com o nosso sentido de realidade, que desponta de uma hierofania mitológica para nos ajudar a aprofundar o nosso modo de ser no mundo. O que importa não são os elementos da narrativa, mas a maneira como os ditos elementos são combinados entre si³, para nos transmitirem uma ideia, um princípio ou uns valores. Mito, metáfora e símbolo pertencem ao campo da hermenêutica, que o RF não dispensa. São o eixo mobilizador da reflexão sobre os princípios e as virtudes da franco-maçonaria.



Do poder simbólico da metáfora

Pensemos então a metáfora da 1^aordem, partindo da nossa experiência interior, sem dispensar as três virtudes: Sabedoria, Inteligência e Conhecimento.

Voltando a Bataille, diremos que a experiência interior é projecto. O meu projecto, o nosso projecto, aquele que é edificado cada dia pelo reencontro de vontades edificadoras do templo interior, que parte de um modelo ideal e das circunstâncias históricas que o rodeam, para dar sentido à vida.

Os Eleitos e as Eleitas procuram «a *Harmonia como meio de realização do projecto*», fazendo da diversidade, união, e transformando cada experiência interior numa conquista de valores. A cada iniciação, a cada elevação à mestria, a cada recepção nas Ordens de Sabedoria, aprofundamos a nossa experiência interior. Esta é uma conquista dos valores morais e, em simultâneo, uma transmissão dos símbolos, mas também a experiência de inclusão do outro na nossa vida.

O objecto das Ordens de Sabedoria é dar um sentido filosófico, social e moral à nossa procura (Yves Barnel). E o que guia a nossa reflexão é uma procura do sentido da vida integrado numa modernidade

² Ricouer.P- Teoria da interpretação. Edições 70.Lx.2005

³ Hivert-Messec-La franc-maçonnerie face à ses mythes. Chaine d'Union.nº6. 2017.

dada pelo tempo, mas sempre feita de adogmatismo e de Liberdade absoluta de consciência. A procura do sentido de vida, para o iniciado, tem lugar numa espiritualidade laica, «*numa certa maneira de compreender o mundo, de habitá-lo, fundada numa ideia de aceitação ou afronta da sua propria morte, logo, é a maneira de domesticar a finitude da vida*», pois o «*homem espiritual laico é aquele que toma consciencia da presença em si de um elemento que escapa às leis que regem o universo, programadas, matemáticas, mecânicas, biológicas*»⁴.

A metáfora da lenda de Hiram permite-nos mergulhar num processo de conhecimento das estruturas de pensamento e das ações humanas, por analogia a um esquema imagético, polissémico e orientador do nosso modo de agir. A morte do Mestre deve ser visto não como uma mera inevitabilidade do acto de morrer físico, mas como uma mensagem de superação da temporalidade e da finitude da vida. O mito não nos interroga sobre o que está mais além da vida, mas a sua mensagem dá significado e sentido transformador à vida da maçona.



Genericamente, o sentido da vida tem múltiplas respostas filosóficas e religiosas. Mas aqui e agora, não se coloca a questão de que a morte seja uma passagem para uma outra vida superadora da finitude da vida terrena, e que, por isso, se apresenta como algo apaziguador do sofrimento da nossa existência. Embora respeitando os que pensam que é possível encontrar o sentido da vida em Deus, assim como os que pensam que Deus não lhes dá qualquer sentido para a vida, para mim a questão é essencialmente filosófica.

Como ser humano, procuro um sentido para a vida em alternativa ao caos que é o mundo, sem pensar na inevitabilidade da morte como um derrota pessoal, e, não me preocupa uma recompensa ou castigo para além dela. Procuro tão só, orientar a minha acção no mundo, fazendo meus, os valores assumidos pela experiência maçónica e pela experiência do vivido. Neste sentido vejo a vida maçónica como uma certa forma de espiritualidade, onde sem ignorar a vida material, como forma de melhorar o homem e a sociedade, dou primazia ao espírito, a partir de valores que são comuns a todo o iniciado.

Em concreto, a metáfora em questão, não é, pois, uma resposta superadora da finitude da vida, mas uma analogia com o sentido da própria vida que escolhi viver. O sentido da vida é a finalidade última de uma vida como um todo, independentemente das circunstâncias e interesses particulares. Ou seja, o sentido da vida «*não é preocupar-se pela vida em geral, nem pelo “mundo” em abstracto, mas pela vida humana e pelo mundo em que habitamos e sofremos*»⁵.

A lenda de Hiram representa assim uma coisa com sentido em si mesma, coisa essa que nos transmite valores e que nos ajuda a criar sentido para a vida, sem alheamentos sociais e políticos, a da construção de uma sociedade baseada na lei e na justiça.

Perante uma «*humanidade que sacrificou os deuses imateriais e ocupou o templo com o deus Mercado, que organiza a economia, a vida e financia a aparência de felicidade*»⁶, o mito do mestre Hiram é, um exemplo intemporal de conduta maçónica: compromisso com a construção do templo e transmissão do plano para a continuidade da construção do projecto.

⁴ Etienne, Bruno – La Spiritualité maçonnique. Ed. Dervy. 2016.

⁵ Savater, F- As perguntas da Vida. D.Quixote. Lx.2010.

⁶ Mujica- Presidente do Uruguai.

Da Justiça

Encontrar a medida justa do agir no mundo, faz parte da procura do sentido para a vida. Justiça e Liberdade de Consciência, são os pedras basilares para a compreensão da 1ª Ordem que não dispensam as três actividades mentais: pensar, querer e julgar.

Não obstante, há que ter em conta que, «*O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser cujo existir consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece*»⁷, como acontece com o estranho que se integra no grupo dos eleitos, que passa de delator a Eleito no grupo dos quinze.

A recepção à 1ª Ordem conduz a uma comunidade de linguagem e valores, que, sem anular a visão própria de cada uma, se orienta para uma ética comum, baseada num conjunto de preposições que vamos dominando através de analogias simbólicas. Mas de pouco servirá essa linguagem se não transformarmos as palavras, os conceitos, num agir no espaço público, no mundo.

A mensagem mais forte da 1ª Ordem é a da dialectica da vingança e da justiça. A liberdade de consciência determina a opção pela justiça, pois a morte do Mestre, só exige uma vingança simbólica, que acaba no mesmo momento em que Abiba'al, em vista de um Mestre se faz a si mesmo justiça.

Mas Hiram é o Mestre que encarna a condição humana, não implorando a protecção divina perante o sofrimento infligido. Perante o seu destino ele deixa por transmitir a palavra que o maçom tem por missão procurar, numa mensagem de que o homem se constroi a si mesmo. A palavra e a verdade estão no coração do RF, tanto na relação com a simbólica da construção do templo interior, como metaforicamente na construção do templo exterior.

A palavra representa a autoridade e o plano para a construção. Começa por significar a passagem do operativo ao especulativo, para se transformar no objecto da procura que é também a procura

da verdade. A transmissão da palavra determina a questão central da justiça, na medida em que, a ambição dos companheiros se manifestou de forma inadequada. O poder da palavra e da verdade do Mestre, ganham um sentido de progressão ritual.

A justiça é o fundamento da construção do templo, pelo que o crime não pode ficar impune, na medida em que fazer justiça é estabelecer uma nova lei. A lei dos homens e não a divina. E a lei dos homens obedece a princípios de igualdade, todos somos iguais perante a lei, e de responsabilidade individual-somos responsáveis pelo uso da nossa Liberdade individual. Mas pede igualmente Sabedoria.



Salomão embora representando a lei antiga soube dar uma ordem justa. Joabem é confrontado com a dualidade da vingança ou da justiça, na sua condição humana, mas aceita com alívio que a sua intervenção fosse dispensada pelo acto de liberdade individual que levou o 3ºcompanheiro a atentar contra a propria vida.

A metáfora fala-nos também dos símbolos representados pela caverna, o cão, a lâmpada, a fonte e o punhal, entre outros, mas, como sabemos, ainda que estes componham uma narrativa que sugere a compreensão de sentimentos, necessidades, inquietações, valores contrários aos vícios, os símbolos tornam-se complexos, na medida em que respondem a uma pluralidade de sentidos.

Joabem e Abiba'al, são duas faces da realidade humana, personalizando o bem e o mal que há em cada homem. Mas, o bem e o mal não são absolutos, pelo que no suicídio dos três maus companheiros podemos ver uma tomada de consciência, que pode ser enunciada como o corolário da liberdade versus responsabilidade. A violência como componente das relações entre os seres não é ignorada, ela decorre da ambição, inveja e fanatismo, mas ao transformar-se num acto violento sobre si mesmos, o suicídio, os assassinos abrem a porta à possibilidade de regeneração do ser humano, o que implica a liberdade de escolha e corgem para assumir a consequência dos seus actos.

⁷ LEVINAS,E- Totalidade e Infinito, Editorial 70, Lisboa, 2'13, p.22.

Estabelecida a justiça, a paz voltou ao estaleiro anuncianto a nova ordem. Paz interior com Joabem a recuperar-se na fonte, purificando-se nas águas e libertando a sua consciência de maçom, paz na sociedade, na cidade e entre as nações. Paz e justiça, conforme o ideal da franco-maçonaria, estabelecem as bases de um projecto social que passa a ter como eixo da construção o estado de direito. Uma justiça nova, mais humanizada e equânime.

Na 1^a ordem o poder reside em Salomão, na forma antiga de poder absoluto de origem divina, mas advinha um novo poder baseado na lei e na justiça, por força do tempo histórico em que a metáfora foi estruturada. A lei do mais forte deu lugar à regra, ao direito. Passando a justiça a ser feita pela aplicação da lei em igualdade de circunstâncias, o que supõe a ética republicana, na expressão maçónica.

Centremos então nas palavras: N****M/N***A!

N****M é a intenção de fazer justiça! A missão de Joabem e dos seus companheiros foi meramente dissuasora. A vingança foi desnecessária, já que a ordem de Salomão tinha sido prudente, ao considerar que se «*o crime não pode ficar impune*», e o «*castigo devia ser proporcional ao crime*». Assim, bastou a consciencia do mesmo, face à presença de Joabem, para se fazer justiça, porque a «*consciência é um juiz implacável*».

Foi a consciência moral do acto de desobediência e do confrontamento ao poder constituído que fez com que Abiba'al e os seus companheiros atentassem contra as suas vidas, mas não houve arrependimento, houve apenas o sentimento de impotência perante a negatividade do acto, motivado por um desejo não concretizado e levado ao desespero, perante a Ordem constituída. O ser humano tem as suas ambições, mas precisa orientá-las no sentido do que é justo, porque é dotado de capacidade para aprender com as suas experiencias e de decidir em Liberdade o seu destino.

N***H! Foi feita justiça cumprindo-se a ordem de Salomão, em representação da Lei. Pois, «*Sem um poder legitimo a vingança é crime*».

Do ponto de vista da sociedade não é o próprio acto de auto-punição que é avaliado - seja qual for a sua motivação - mas o que dele resulta: ter sido feita justiça perante quem tinha essa missão e, que no

momento representava o poder legitimo.

Salomão recompensa Joabem, com uma faixa negra onde está inscrito «*Vincere aut Mori*», e oferece-lhe o punhal. Mais do que um simples prémio, este é um aviso para a conduta do maçom. A permanência do mal como parte da dualidade da existência humana exige uma permanente atitude de vigilância para que o mal possa ser dominado, e a Humanidade prossiga no caminho do Bem. Compete a cada um, estar vigilante e pronto para defender os nossos, mas também para defender a Justiça Social em nome dos mesmos valores. A prática da justiça implica uma moral, uma ética! Só assim, a construção do templo, pode prosseguir no exterior.

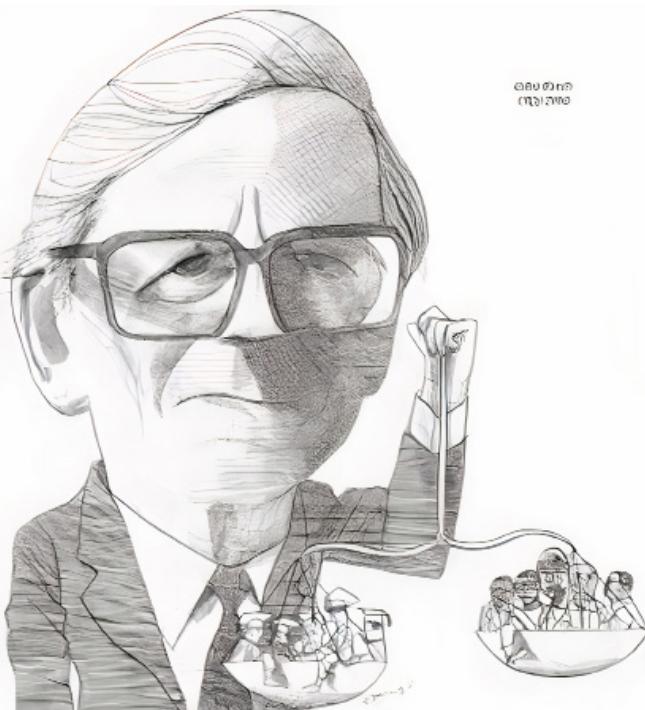


No drama alegórico da morte de Hiram, a ideia de justiça sobrepõe-se à de vingança, e é graças a ela que se reconstrói a ordem no estaleiro. Nesta linguagem metafórica dos justos, Salomão encarna o arquétipo do justo, por oposição aos três maus companheiros que simbolizam o «*não justo*». No mito como na vida real, o injusto antecede sempre a justiça, e é na experiência do que é injusto que se valoriza a virtude da justiça.

Individualmente, cada Eleito é responsável pelos seus actos e age segundo a sua consciência, porque é livre. E, a Liberdade também é uma conquista individual, na sua dimensão de superação dos vícios e de revolta contra a servidão. Mas o sentido da justiça implica sempre o outro, o sentido de alteridade e de responsabilidade.

Colectivamente ou individualmente, devemos ser capazes de definir um projecto de ação justa, uma utopia realizável que funcione como uma referência de justiça social, para dar sentido à nossa vida.

Saber distinguir a vingança da justiça, o justo do não justo, nós e o outro, saber usar de imparcialidade no acto de julgar e compreender, são formas de caracterizar o nosso sentido de justiça, que podem contribuir para o progresso social e o aperfeiçoamento da humanidade. Como afirma Rawls, devemos dar primazia ao justo sobre o bom, porque não basta viver bem numa sociedade democrática, é preciso ser justo, uma vez que os cidadãos não se tornam humanos senão quando aspiram a viver com instituições Justas.



É da nossa responsabilidade como maçons e como cidadãos, ajudar a construir uma sociedade socialmente justa, em que estejam garantidos os direitos fundamentais de Liberdade, Igualdade, Solidariedade e Justiça, só dessa forma cumprimos com a divisa da maçonaria universal: Liberdade. Igualdade. Fraternidade.

Se uma sociedade bem organizada é a que é concebida e gerida por uma concepção pública da justiça, o nosso projecto terá sempre como referência o justo e a justiça. A relação da justiça com a paz social, ou seja a justiça social, resulta da garantia das liberdades fundamentais para todos, da igualdade equitativa de oportunidades e da existência de discriminação positiva a favor dos mais desfavorecidos, de que a Constituição Portuguesa é garante. A identificação com estes princípios supõe uma cooperação no interesse mútuo e uma repartição apropriada das vantagens entre todos os cidadãos.⁸

⁸ RAWLS, J. Teoria da Justiça, Editorial Presença. Lisboa. 2012.

A finalidade do meu sentido para a vida é, a procura da justiça, ou melhor, a procura da transformação da narrativa do justo, identificando os valores e as acções injustas para lutar contra a injustiça social, em nome do bem comum, em suma, lutar por uma sociedade socialmente mais justa.

As fontes mitológicas da iniciação maçónica são bíblicas, judaico-cristãs, babilónicas ou outras, reportando-nos a uma lei antiga, mas o significado que delas retiramos são no sentido da lei dos homens, da emancipação do homem, se soubermos usar a Razão, ao interpretá-las.

O homem livre é aquele que acede ao conhecimento pelas ideias porque o aperfeiçoamento moral se constitui quando o homem procura viver segundo a razão, o único critério de verdade. Colocando-se face ao outro e à sociedade, sabe que a liberdade está ao serviço da lei, e que sem uma autoridade legítima não há justiça.

O mito de Hiram permite-nos uma reflexão de espiritualidade laica, pois responde às grandes questões do sentido da vida, da relação do eu com o outro, do aperfeiçoamento individual, do amor ao próximo, da construção de uma utopia fraternal.



«*L'Homme en recherche du sens, l'homme spirituel est sans doute celui qui ne saurait se satisfaire des évidences sécurisantes, non questionnés, et donc qui vit dans le risqué du doute. Il ne ferme pas les yeux et les oreilles (ni les écoutilles) aux expériences négatives car il sait que l'on ne progresse que par ses erreurs. L'homme spirituel pense par lui-même et se tient pour responsable de lui-même. Mais le risqué de cette posture est de faire de lui un étranger dans la société qui l'abrite comme Hanna Arent nous l'a expliqué et en a fait les frais elle-même...» Bruno Étienne.*

Maria José de Matos



Diabolicamente falando...

É claro que isto será um atrevimento já que me recuso a cumprir os hábitos que acontecem nestas circunstâncias. É verdade que já me cansa ouvir “*pagelas*” dentro de normas que quase sempre não acrescentam algo de novo às normas e por promoverem debates amorfos e “*politicamente corretos*”!!.... Também para mim será claro que não pretendo tratamento diferente por fazer diferente!!.... Considero, no entanto que será urgente fazer diferente, provocar novas reflexões e até levar à criação de novos hábitos!!!..

.Claro que fugir das normas é diabólico porque “*mexe*” com toda a cadeia de comunicação!!.... Mesmo assim quero fazer uma declaração de interesses:

Não me move nenhuma dupla intenção com a elaboração deste artigo. Não sou declaradamente pretensioso e somente resolvi corresponder ao desafio com a minha prestação de forma diferente. Vamos a isto pois!!!....

Por razões de curiosidade e prazer científico (a minha área é antropologia), mergulhei no livro de Enoch e não fiquei satisfeito. A problemática da Criação, a Justiça, e os problemas dos povos, ao longo da história da humanidade confrontaram-me com problemas que me tem perseguido até aos dias de hoje!!!....

Fui mais longe e vasculhei os Mitos de Gilmanesch e neles descobri origens de muito dos comportamentos colectivos e mitos e tradições culturais e religiosas que ainda justificam energias no quotidiano da actualidade da nossa existência!!!....

Agora para mim era óbvio que a problemática da Justiça esteve sempre presente na evolução socio cultural dos povos e que a Vingança era talvez o instrumento mais usado pelos mesmos para combater a Paz.

Afinal como diz o José Régio...

Deus e o Diabo é quem me guiam, mais ninguém!!!!

Todos tiveram pai, todos tiveram mão

Mas eu que nasci do amor que existe entre Deus e o Diabo

Não sei onde princípio nem acabo.

Pensei seriamente se a vingança não seria a espada da Justiça!!!!...

Com este pensamento a tirar-me o sono, aproveitei esta espertina e busquei outros conhecimentos, outros percursos agora de minorias esclarecidas, os ditos sábios pouco acessíveis. Encontrei Giordano Bruno e Galileu Galilei e confirmei que a sabedoria, o conhecimento, foi perseguido até à exaustão onde o atrevimento foi pago com a fogueira!!!... As ditas labaredas do Inferno que está à nossa espera para a maioria de nós!!!!....Será??...

Depois mergulhei em busca de minorias sociais e culturais que fazendo as suas reuniões discretas e até secretas acabaram por ser humilhados e perseguidos sempre de forma injusta e diabolicamente conotados com as “*forças do mal*”....

O Demônio pode ter muitos nomes: Belzebu, Leviatã, Satã, Lucifer, Baphometh, Cabrão, Cornudo, Mefistófeles entre outros e está em todo lado, como Deus!!!!...



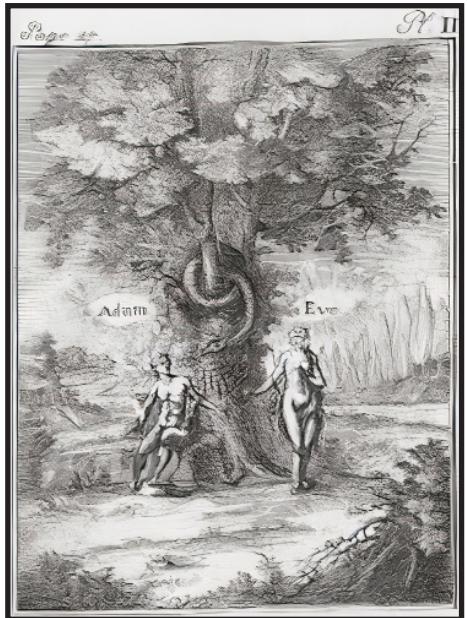
Foram minorias religiosas, judeus, ciganos, os Templários, homossexuais, maçons, albinos, deficientes, mulheres e até livres pensadores e magos e feiticeiros. Todos eles acusados de uma forma ou de outra, de terem pactos com demónios ou até prestarem-lhes devoção. A maior parte acabou na fogueira e a Vingança esteve sempre presente para justificar os actos consubstanciados por “*fundamentalismos*”. Tudo isto “*coisas do Diabo*” já que de Deus não podem ser “*porque ele é bom!!!*”, ouvi eu apregoar a uma ingénua velhinha, amiga da minha avó!!!!....Foi aqui que encontrei o maior conflito da Humanidade!!!!....

A Igualdade de género e o dito Mito de Eva....

Bolas, mas pensava eu que tudo isto já estava resolvido desde a criação do Mundo e, por via das duvidas resolvi ir á velha Biblioteca que é a Biblia e tomei o Livro da Criação do Mundo—O GENESIS.... Lá estava bem escrito *"preto no branco"* para quem ainda nunca foi às origens: ..."e Deus criou o Homem e a Mulher é sua imagem e semelhança".... eis pois então que se era Adão o macho a fémea era... Lilith, essa sim a primeira mulher, só porque era livre pensadora e até democrática foi relegada para as fronteiras da cidade de Deus, do Paraíso e coabitar com os demónios!!!....

Hoje ninguém denuncia o Mito de Eva!!!!...

Hoje ninguém denuncia o logro das religiões ou põe em causa os seus poderes!!!!..



Hoje ninguém defende a justiça para a condição feminina a não ser algumas minorias sem poderes para fazer mudanças!!!!...

Hoje, o que mais me espanta é fazer parte de uma Ordem com justos valores e princípios, tantas vezes perseguidos e questões e problemas fundamentais como este, continuarem a ser escamoteados ou escondidos do desejado progresso da Humanidade!!!!...

Afinal quem será que gere e instrumentaliza a espada da Vingança ???!!!!...



Afinal quem será capaz de acordar os justos e eleger um juiz capaz de promover a JUSTIÇA adiada à séculos???!!!....

Meus Irmãos, perdoem-me o atrevimento mas estou pronto pra ir prá fogueira, como quem diz pró Inferno... diabolicamente falando....

Saudações com oito mais um.....abraços ardentes...

Capela Miguel



Será o “Android” o expoente máximo da evolução humana?

A vida humana faz-se caminhando, plena de incertezas, de retrocessos, na construção, desconstrução e reconstrução. Na incessante busca pela vida eterna e pela imunidade aos efeitos do tempo, nós, humanos, lutamos para permanecer enquanto espécie, para nos superarmos.

No actual contexto da vida na Terra, com avanços tecnológicos convivendo com crises ambientais, sociais, económicas e guerra, é quase impossível não pensar num futuro em que a tecnologia esteja cada vez mais presente, mais do que apenas em nossas casas: também em nossos corpos.

A corrente filosófica transumanista, defende a aplicação da tecnologia avançada na superação dos limites impostos pela condição humana. Limitações intelectuais, físicas e psicológicas podem e devem, de acordo com os transumanistas, ser ultrapassadas com o apoio de biotecnologia, nanotecnologia e neurotecnologia. O ser humano pode usar implantes oculares capazes de

incrementar a visão, ou então usar braços ou pernas mecânicas, em substituição de membros perdidos? Porque não um conjunto de hardware mecânico que transforme humanos em “Androids” imortais? Os transumanistas respondem afirmativamente a todas estas questões.

Outras correntes de pensamento consideram a **clonagem de seres humanos** como o próximo passo natural na sobrevivência e na evolução da espécie.

Blade Runner
Junho, 1982





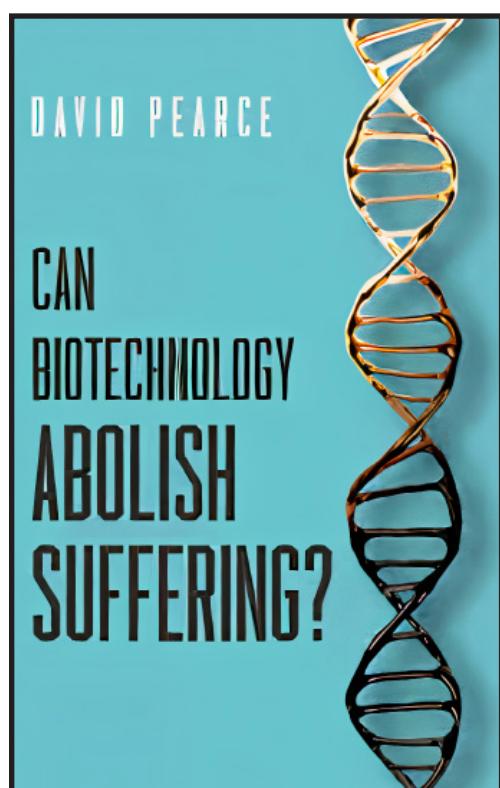
RoboCop, Outubro 1987

O termo transumanismo foi criado pelo biólogo britânico Julian Huxley, irmão do escritor **Aldous Huxley, em 1957**. Huxley definia este conceito como “*homem continuando homem, mas transcendendo, ao perceber novas possibilidades de e para a sua natureza humana*”. Os ideais transumanistas suportam-se em dois pilares: O primeiro sendo o combate ao envelhecimento e, em consequência disso, impedir a morte; o segundo, é o que trata a simbiose entre orgânico e cibernético como o próximo passo da evolução humana.

Na teoria defendida pelo bioético Paul Root Wolpe, designada por “*Três Ondas da Evolução*”, após passarmos pelas fases darwinista (da selecção natural) e da civilização, as duas primeiras ondas evolutivas, a raça humana agora vê-se diante da evolução direcionada, também chamada de **evolução “by design”**. Neste estágio, os seres humanos são capazes de modificar o próprio corpo, com a tecnologia, tendo esta um papel crucial na evolução muito maior do que a selecção natural. A manipulação genética num primeiro momento e, mais recentemente, o uso de implantes mecânicos capazes de transformar seres humanos em ciborgues (cibernético + orgânico) são os expoentes desta fase evolutiva. Actualmente é possível reconstruir ossos a partir de impressão 3D (moldes com características 100% idênticas da pessoa receptora), seguindo-se um processo rápido de cultura biológica com clonagem de células humanas, do próprio receptor, garantindo 100% de sucesso em todo o processo.



Sob o lema “*não limite os seus desafios, desafie os seus limites*”, o site Humanity Plus apresenta vários conteúdos relacionados ao tema. Há inclusive uma declaração da Associação Transumanista Mundial (ATM), com origem em 1998. O filósofo David Pearce, um dos autores da Declaração Transumanista e cofundador da ATM ao lado do também filósofo Nick Bostrom, defende que o transumanismo aplicado pode resultar na abolição do sofrimento humano. Ele expõe a sua posição no manifesto “*O Imperativo Hedonista*”, escrito em 1995, e elenca cinco razões num artigo de 2011. No texto “*As Cinco Razões Pelas Quais o Transumanismo é Capaz de Eliminar o Sofrimento*”, ele exalta possibilidades como a de seres humanos escolherem a quantia de dor que querem sentir, o quanto serão afectados pelas suas próprias emoções e o surgimento de dietas livres de sofrimento para vegetarianos e omnívoros. Em resumo, Pearce reforça a ideia de que a tecnologia pode servir o ser humano de forma ainda mais directa e racional. É como se os avanços da biotecnologia e da neurotecnologia pudessem servir de combustíveis à evolução, anulando (ou pelo menos amenizando) os efeitos do desgaste orgânico natural da nossa espécie, melhorando ou mesmo superando as suas fragilidades, alcançando melhorias (upgrades) significativas em relação ao “*equipamento base*” com que nascemos, ou seja, resultando numa **condição humana melhorada**.



No jornal britânico *The Telegraph* encontramos relatos de suporte ao filósofo e escritor transumanista Zoltan Istvan na pré-campanha de candidato à presidência dos Estados Unidos, observando-se a divulgação e concordância com aqueles ideais. Uma das vertentes do transumanismo é o biohacking, misturando biologia com ética hacker.



Filme de 2013, “Elysium” apresentava biohackers e transumanos ao mundo

Se por um lado o uso de partes mecânicas pode funcionar de forma convencional, melhorando funções motoras ou biológicas aos seres humanos, por outro, a prática pode ganhar contornos assustadores. O passo em direção a um ser biomecânico e pós-humano pode ser bem menos simples do que parece, assim como as suas consequências também podem fugir de controle. Será que estariam longe de ver soldados com habilidades excepcionais e libertos da sua sensibilidade humana (e forte limitação militar), como no filme “Soldado Universal”? Será que a criação do *Machina sapiens* — a evolução ciborgue do *Homo sapiens* — traria mais benefícios do que riscos à espécie humana?

Em Fevereiro de 1997 o mundo conheceu a ovelha “Dolly”, resultante de um processo de clonagem do primeiro mamífero. Esta notícia provocou surpresa, mas também pânico e controvérsia, pois abria a porta para a clonagem humana. Como consequência, vários países têm criado legislação proibitiva à aplicação deste processo em humanos. No entanto este processo de reprodução de células tem sido utilizado na investigação de tratamentos e de fármacos, mesmo sem a aplicação reprodutiva total, com enormes benefícios (Cervera & Stojkovic 2007). Um exemplo é a criação de tecidos

musculares do coração (cardiomyocytes) para tratar ou substituir tecidos lesados ou na reparação de lesões na espinha medula. O debate levanta-se sobre os conceitos relacionados com moral e direitos de um ser humano, e do ponto a partir do qual esses direitos devem ser reconhecidos. Se considerarmos que uma célula embrionária, após existir, assume todos os direitos de um ser humano, então qualquer manipulação desse embrião está colocada em causa, incluindo-se a sua destruição. Outras correntes defendem que a célula embrionária é apenas um conjunto de células de tecido humano, sem qualquer consciência ou conceito moral associado, pelo que a sua manipulação para efeitos terapêuticos não encontra impedimentos (McHugh, 2004; Kiessling, 2001). A Declaração Universal da UNESCO sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos (1997) foi o primeiro instrumento internacional a condenar a clonagem reprodutiva humana como prática contra a dignidade humana.



Dolly, 1997

A necessidade de recolher “Oocytes” levanta várias questões morais, éticas e legais, pois são estas as células origem para a geração (clonagem) de novas células, incluindo riscos para o dador durante o processo de recolha. Riscos de tráfico de células ou injustiças sociais por desigualdades no acesso a serviços de doação, são outras barreiras ainda por resolver. A desconfiança nos investigadores, limita ainda maiores investimentos neste tipo de pesquisa. Permanece o argumento central favorável a reprodução humana mesmo em condições naturalmente impossíveis (infertilidade), ou em cenários de risco à espécie, onde esta alternativa

possa vir a ser a única via. Muito provavelmente veremos nos próximos anos evolução no debate em torno deste tópico, bem como da investigação aplicada associada com a clonagem de humanos.

Assumindo que a clonagem humana é segura e aceite socialmente, outras questões ficam ainda por responder: Como tratar a relação complexa de família entre clones? Serão os clones tratados como pessoas de igual direito, comparativamente aos seus humanos originais, ou apenas como um meio terapêutico ou militar, num conceito de réplica e por isso, temporário?



“all those moments will be lost in time, like tears in the rain (Blade Runner, 1982)”

Os seguidores da filosofia Transumanista ou da Clonagem em Humanos, reconhecem que a humanidade encara grandes desafios, nomeadamente a partir do mau uso de novas tecnologias. *“Apesar de todo o progresso e inovação serem suportados num processo de mudança, nem toda a mudança representa progresso”*. Como em todo o avanço ou progresso, a aplicação da tecnologia a fim de incrementar a condição humana também pode sofrer consequências drásticas de sua má aplicação. A energia nuclear, por exemplo, responsável por dizimar milhares de vidas em Hiroshima e Nagasaki, pode ser aplicada na geração da energia eléctrica mais eficiente e segura da actualidade. Assim fica evidente que é errado defender que a biotecnologia, a nanotecnologia e a neurotecnologia são, a priori,

boas ou más por essência. Como tudo o mais, elas são apenas ferramentas humanas — e, mais uma vez, é o factor humano que vai contribuir para aplicações pacíficas e positivas ou negativas e abusivas.

Considerando um cenário ficcionado, onde a clonagem de humanos é possível e aceite como “normal”, porque não usar os nossos clones para as actividades duras e desgastantes de criação de riqueza, na criação de alimentos, na construção de infra-estruturas e meios, enquanto os seus pares “humanos originais” poderiam dedicar-se à leitura, ao estudo e ao ensino, bem como à investigação científica e ao progresso social, entrando assim numa nova fase quase subliminar de ser intelectualmente superior?

A reconhecida pirâmide da Maslow diz-nos que o ser humano primeiro preocupa-se com a sua sobrevivência e a dos seus familiares, depois da sua alimentação e abrigo (casa). Só depois consegue dedicar-se a causas altruístas ou pensar no reconhecimento social. A disponibilidade de clones humanos tornaria possível ao ser humano saltar directamente para as actividades superiores (altruístas), sem necessidade de se dedicar à sua sobrevivência e alimentação, proporcionando uma enorme aceleração ao progresso moral e intelectual da espécie.

Claro que de imediato se colocariam as questões de “igualdade” entre os humanos “originais” e os seus clones. Porque deveria o clone trabalhar de forma intensa enquanto o humano “original” poderia dedicar-se a estudar e a investigar? Porque não o contrário? Na resposta a esta pergunta pode muito bem residir a extinção intempestiva de todo este cenário ficcionado, bem como o de qualquer futuro alternativo onde a clonagem entre humanos seja aceite.

Muitas são ainda as perguntas sem resposta, ou pelo menos, sem respostas esclarecedoras e tranquilizadoras que sustentem uma nova construção social, bem diferente da actual. Estão ainda por construir as pontes que permitam a continuidade nesta sinuosa caminhada.

Al Gore, 10 de Junho 2022

RITO FRANCÊS



Jean-Charles Nehr (1938 - 2021) – Pequena Nota Biográfica

O Irmão Jean-Charles Nehr passou ao Oriente Eterno no fim do ano passado, legando-nos uma Obra Maçónica excepcional, que contribuiu não só para o desenvolvimento, e consolidação da sua Obediência, o Grande Oriente de França, e da sua Jurisdição, o Grande Capítulo Geral do Rito Francês – GOdF, como se revelou também decisiva no processo de revivificação das Ordens de Sabedoria.

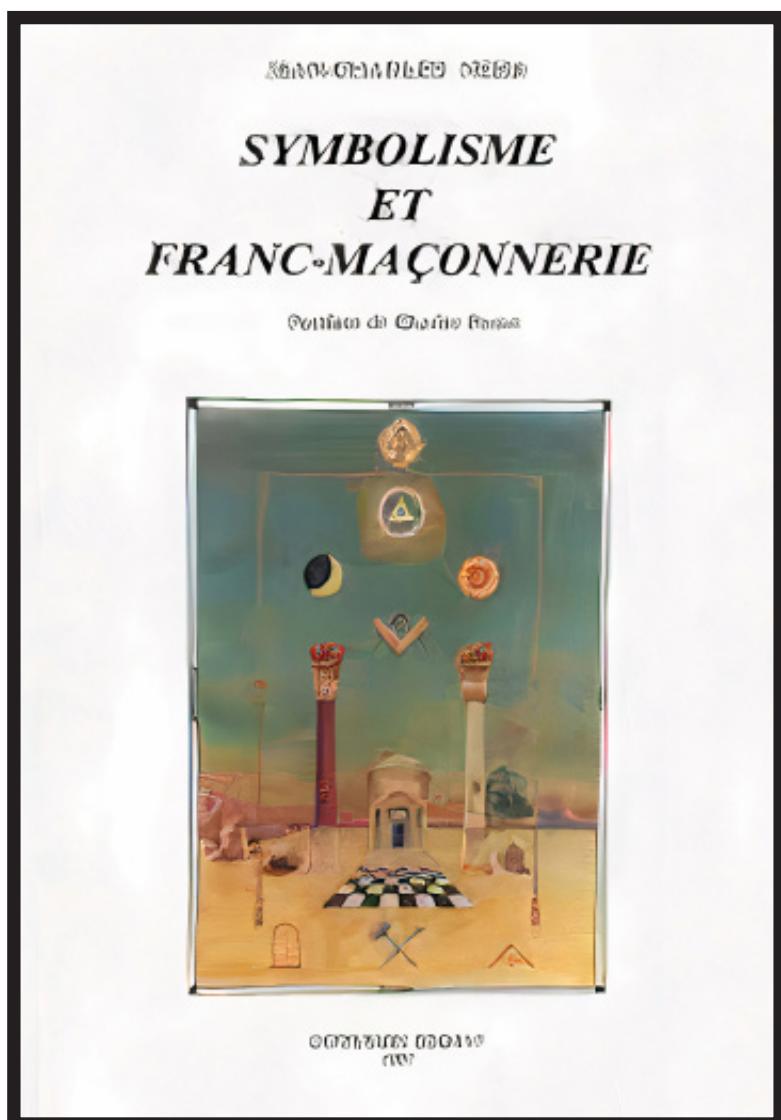
Iniciado em 1965, com 27 anos, na Respeitável Loja l'Encyclopédique, foi elevado à Mestria em 1966, tendo detido o Primeiro Malhete da Oficina três anos depois. Depois de um percurso nos Altos Graus do Rito Escocês Antigo e Aceite, no qual atingiu o 30º Grau, Jean-Charles Nehr participou ativamente na refundação do Grande Capítulo Geral do Grande Oriente de França, tendo pertencido à Câmara de Administração desta Jurisdição. Detentor da 3ª Arca da Va Ordem, esteve à frente da respetiva Grande Chancelaria.

Jean-Charles Nehr foi autor de obras Maçónicas incontornáveis, tais como o seu livro “*Symbolisme et Franc-maçonnerie*”, prefaciado pelo já igualmente desaparecido Irmão Charles Porset, ou como o trabalho

publicado já depois do seu falecimento, “*Le Symbol, outil des francs-maçons*”, do qual incluímos uma recensão crítica no presente número da FANZINE. Em ambos, com o seu estilo inconfundível, que expressa a clareza do seu pensamento, à qual não é certamente alheia a sua formação científica de base (Físico), este Irmão adverte-nos para os perigos da “*Simbolatria*”, caminho conducente à esterilidade do trabalho maçónico, apresentando perspetivas para o enquadramento racional do simbolismo no Aqui e Agora, no âmbito de uma Maçonaria Adogmática e Progressista. Para além dos livros que nos deixou, são numerosos os artigos publicados por Jean-Charles Nehr na revista JOABEN, da qual foi colaborador desde o inicio, tendo inclusivamente, por numerosos anos, ocupado o lugar de Chefe da respetiva Redação.

Foi, pois, com o intuito de prestarmos o merecido tributo da memória a este Mui Ilustre Irmão, que teve uma participação tão significativa na revisão dos Rituais das Ordens de Sabedoria do nosso belo Rito Francês, que publicamos neste nosso número 8 da FANZINE um Balaústre seu. O mesmo foi apresentado no Soberano Capítulo Égalité, ao Vale de Bordéus, quando era Mui Sábio e Perfeito Mestre desta Oficina a Irmã Cécile Révauger, a quem agradecemos reconhecidamente, por ter autorizado a publicação deste Trabalho.

Joaquim Grave dos Santos





ORDRES DE SAGESSE DU RITE FRANÇAIS SENS ET PERTINENCE DES RITUELS

Il ne faut pas se demander si cela est vrai, mais pourquoi est-ce raconté ainsi.

La renaissance des Ordres de Sagesse du Rite Français à travers la refondation du Grand Chapitre Général a provoqué une première série de réflexions sur les rituels à adopter pour cette nouvelle structure. Le sommeil de 150 ans qu'avait connu le GCG amenait inévitablement un questionnement sur la pertinence des rituels en notre possession, rituels dont l'origine datait de celle de la fondation du GCG. Quels rituels devions-nous adopter ? Fallait-il garder ceux de nos prédecesseurs ou convenait-il de les "*moderniser*" ? Les Chapitres en ont débattu et ont opté pour les solutions qui leur paraissaient les plus convenables, tout en respectant les principes fondamentaux de notre structure. Le Grand Chapitre Général a choisi d'adopter la lecture des rituels d'origine que j'avais présentée dans le numéro un de la revue JOABEN. Dix ans ont passé, et le moment est venu de s'interroger à trois points de vue :

1. Peut-on dégager un sens pertinent pour les rituels de chacun des 4 Ordres de Sagesse du Rite Français ?
2. Ces quatre Ordres forment-ils un ensemble cohérent et pertinent en lui-même ?
3. Peut-on relier de façon harmonieuse les Ordres de Sagesse aux grades bleus, c'est à dire le chemin qui conduit le maçon du 1er grade d'Apprenti, au

4ème Ordre de Parfait Maçon Libre possède-t-il une cohérence à travers ses rituels ?

La réponse à ces questions nous amènera à réfléchir sur trois domaines :

- 1-Les éléments d'un rituel maçonnique,
- 2-les aspects du projet maçonnique,
- 3-les conséquences sur le sens, la cohérence et la pertinence des rituels du Rite Français.

Les éléments d'un rituel maçonnique

Un rituel maçonnique possède plusieurs caractéristiques fondamentales:

- Structurer le temps de la tenue: la première fonction d'un rituel est de structurer le déroulement de la tenue alors que les symboles en structurent l'espace.
- Porter un sens: un rituel maçonnique porte un sens, ce sens étant en général, l'enseignement spécifique du grade pratiqué. Pour être pertinent, ce sens doit s'intégrer harmonieusement dans l'ensemble des enseignements donnés dans les autres grades.
- Etre compris: le rituel est vécu par les participants; il doit donc en être compris. Un rituel ne doit pas être récité et accompli sans que les paroles prononcées, et que les gestes effectués soient vides de sens. Cela

implique que le rituel doit parler le "language des hommes".

- Obtenir l'adhésion des acteurs: un rituel n'est pas la simple lecture d'un livre ou la simple vision d'un film de cinéma. Il ne doit donc pas être contraire aux convictions des participants (acteurs directs) et des spectateurs (acteurs indirects). Son exécution exige l'adhésion des participants aux paroles prononcées et aux gestes effectués.

Pour être cohérent, un rituel doit donc être en harmonie avec le sens du projet maçonnique, il doit être compris des participants, qui doivent adhérer à son exécution. Si un des éléments fait défaut, alors il y a distorsion et problème.

Les aspects du projet maçonnique

Le projet maçonnique comporte un double aspect: celui du fond du projet et celui de sa réalisation à travers les différents rituels des différentes étapes parcourues par le Franc-maçon.

- Le fond du projet: historiquement, il démarre avec les Constitutions d'Anderson; il s'agissait alors de "permettre aux hommes libres et de bonnes mœurs" de se rencontrer pour réunir "les hautes valeurs morales qui sans elle auraient continué de s'ignorer." Cet objectif s'accompagnait d'un projet philanthropique et moral: "Que fait-on en loge ? On y élève des temples à la vertu et on y creuse des tombeaux pour les vices !" Puis, par un long cheminement, on arrive plus tard à l'article 1er de la Constitution qui propose: "d'améliorer l'homme et la société." Et, pour l'essentiel, cet objet maçonnique se traduit dans le titre de Franc-maçon que nous nous donnons, c'est-à-dire: franc, trait d'union, maçon. Nous sommes des hommes libres, unis et des constructeurs. Ce projet passant pour chaque maçon par la construction du temple intérieur et celle du temple extérieur.

La réalisation du projet maçonnique met en œuvre une rituelie, empruntée à la maçonnerie opérative pour les 2 premiers grades, à la construction des temples de Jérusalem pour le parcours du grade de Maître au 3ème Ordre, le 4ème Ordre venant couronner l'édifice. Le 5ème Ordre se trouve à part de cette progression. La rituelie se fait en deux étapes: la première, celle de la maçonnerie bleue, mène le profane de l'état d'apprenti à celui de maître, elle est essentielle; la seconde se fera au cours des 4 Ordres de Sagesse. En premier lieu nous pouvons alors décliner les étapes qui jalonnent le parcours du maçon dans les Ordres de Sagesse ?

Sens et pertinence des rituels des Ordres de Sagesse du Rite français



1^{er} Ordre, l'Elu : de la vengeance à la justice ou de l'état de nature à celui de culture.

"*Il faut venger Hiram*", tel était le thème des rituels de la fin du 18^e siècle. A cette époque, la notion de vengeance avait un sens tout à fait différent de celui qui est le nôtre aujourd'hui: il était plus proche de celui de "justice divine", inspirant le bras séculier, que de "vendetta personnelle." (On pensera au "jugement de dieu"). Et dans cet esprit, je citerai le "serment républicain" (paroles de Chénier, musique de Gosset), en 1795:

*"Si quelque usurpateur veut asservir la France,
Qu'il éprouve aussitôt la publique vengeance,
Qu'il tombe sous le fer; que ses membres sanglants
Soient livrés dans la plaine aux vautours dévorants."*

On reconnaît là le destin d'Abibal et de ses complices. Cet aspect du rituel a suscité de nombreux débat parmi les FF., et il mérite un approfondissement. Le premier Ordre est donc consacré à la recherche et au châtiment des assassins d'Hiram. Mais, le sens des mots a bien changé : aujourd'hui on appelle: vengeance un acte accompli dans l'immédiateté des faits, sous la pulsion émotionnelle de la passion, c'est un acte de nature et il n'est plus possible aujourd'hui de confondre la vengeance avec la justice, acte de culture, dans lequel y a distanciation entre le crime, le jugement et le châtiment. Alors, la leçon essentielle à retenir pour le premier Ordre est qu'il est consacré au passage de la vengeance à la justice.

Quand règne la justice, alors la vérité est satisfaite, la paix peut s'établir et régner dans l'homme et parmi les hommes. Etablir la justice, telle est la vocation de l'Elu qui passera ainsi de l'état de nature à l'état de culture.



2^{ème} Ordre, Grand Elu : de l'union des hommes à l'unité des valeurs ou, de la tour de Babel au Temple de Salomon

Dans ce deuxième Ordre, Salomon unit les divers éléments de la Connaissance pour les fondre en un bloc unique, la pierre cubique en agate. On passe ici de l'union à l'unité, de l'union des hommes à l'universalité des valeurs: existe-t'il des valeurs universelles, applicables à l'ensemble des membres de la communauté humaine ? Par exemple, l'égalité des droits de l'homme et de la femme doit-elle être considérée comme applicable à l'ensemble de l'humanité, ou seulement réservée à quelques pays ? Mais aussi et surtout, toutes les valeurs que nous défendons sont-elles compatibles entre elles ? Ainsi par exemple, justice et liberté: plus il y a de justice, moins il y a de liberté; la justice pour tous ne peut être qu'imposée, au détriment de la liberté de certains. Concilier l'antagonisme des valeurs et en réaliser l'unité est un but à atteindre, est ce vraiment une utopie ? La nature l'a réalisé pour l'homme en le dotant de deux mains; la main droite et la main gauche, antagonistes, ne coïncident jamais, cependant, elles sont toutes deux nécessaires aux gestes et à la vie de l'homme: il arrive qu'elles se joignent pour s'entreindre et s'unir. Travailler à l'unité des valeurs qui seront universelles, voilà le défi lancé aux Grands Elus. On ne manquera pas de noter que l'on retrouve ici le thème cher à Platon de l'Un et du multiple.



3^{ème} Ordre: Chevalier Maçon: de la construction à la reconstruction

Cet Ordre est dominé par le thème de la reconstruction. Il est illustré dans les rituels d'origine par la reconstruction du Temple de Jérusalem après l'exil de Babylone. Pour reconstruire le Temple détruit, les maçons travaillent en tenant la truelle d'une main, cependant que de l'autre, ils sont prêts à se saisir de l'épée. Deux enseignements forts sont contenus dans cet Ordre: d'une part, aucune construction n'est jamais définitive; l'histoire humaine est celle d'un ternaire perpétuel: construction-destruction-reconstruction. On notera que ce schéma rejoint celui des alchimistes pour qui: *"Le nombre trois est le type de la perfection divine en même temps l'allégorie de la succession éternelle des phénomènes de la nature; elle rappelle; 1° que tout est formé par la génération, 2° que la destruction suit la génération dans toutes ses œuvres, et 3° que la régénération rétablit sous d'autres formes ce qui a été détruit."* (Rebold, Histoire des Trois grandes Loges). D'autre part, en gardant l'épée au côté, le Chevalier Maçon doit se rappeler que les valeurs acquises et conquises sont toujours menacées et qu'il convient donc d'être toujours prêts à les défendre.



4^{ème} Ordre, Parfait maçon Libre: l'épanouissement

Cet Ordre marque une rupture complète avec les précédents comme le montre le discours historique de cet Ordre, dans le rituel d'origine. Je cite: *"Ce fut alors que le GADLU abandonna l'édification des Temples matériels à l'ignorance et à la témérité des mortels, pour en construire par sa sublime et suprême intelligence de spirituels dont l'existence ne cessera jamais."* Pour passer des constructions matérielles aux spirituelles, le rituel du 4^{ème} Ordre nous propose alors le passage de l'ancienne alliance passée par l'Éternel (iod/hé/vav/hé) avec le peuple hébreu, à la nouvelle alliance contractée entre Dieu (Jésus) et l'ensemble de l'humanité. La loi de Moïse est caduque, elle doit être rejetée au profit de la loi du

Fils qui doit maintenant prévaloir. Tout le rituel du 4^{ème} Ordre est axé sur la recherche de la nouvelle Loi avec en point d'orgue la découverte de la nouvelle parole (INRI) en remplacement de celle qui fut jadis perdue (bien entendu, iod-hé-vav-hé). On peut alors comprendre le déroulement de la réception au 4^{ème} Ordre dans les rituels d'origine: dans les voyages accomplis par le récipiendaire, les trois colonnes Force, Sagesse, Beauté (Force de l'Eternel, Sagesse de Salomon, Beauté de l'œuvre d'Hiram) sont remplacées par les trois autres, Foi, Espérance, Charité (Foi dans la parole du Christ, Espérance dans la résurrection rédemptrice, Charité, c'est-à-dire Amour étendu à l'ensemble de l'humanité). L'ancienne et imprononçable parole perdue, le tétragramme iod-hé-vav-hé, cède la place à la parole retrouvée, INRI, Jésus de Nazareth Roi des Juifs. On ne cédera pas à la tentation de donner dans ce rituel une autre signification à INRI que celle là. Pour s'en convaincre, il suffit de lire les prescriptions du rituel pour la disposition et la décoration du local nécessaire à la réception au IV^{ème} Ordre: "... sur la croix une rose épanouie ... ce qui est allégorique au saint mont sur lequel le fils du GADLU expira.". On comprendra que ce rituel, vécu par le récipiendaire et auquel il doit adhérer, n'est plus recevable dans une structure qui prend comme règle fondamentale, l'adogmatisme et la liberté absolue de conscience et qui ne place plus ses travaux, à la gloire du GADLU. Certes cette progression des rituels dans le cadre de l'époque où ils ont été écrits (fin du 18^{ème} siècle) est tout à fait cohérente et pertinente, mais nous devons trouver autre chose.

Le plus simple est de partir de la Constitution du GODF qui nous dit: la Franc-maçonnerie pour premier objet: "*la recherche de la vérité*", il est donc tout à fait naturel de proposer cette recherche comme argument essentiel du rituel du 4^{ème} Ordre. Bien entendu, au terme des voyages accomplis dans cette quête, on ne trouvera pas cette Vérité (qui reste toujours à découvrir !), mais on établira les bases fondamentales et nécessaires à cette découverte. Cette recherche de la Vérité devant aboutir à l'épanouissement de l'homme dans une société qui permet cet épanouissement, c'est en fait la construction des Temples intérieurs et extérieurs qui nous est proposée. Cette recherche de la Vérité s'effectuera en revivant le parcours effectué au cours des trois Ordres précédents. Ainsi, après avoir parcouru ces étapes: établir la Justice, travailler à réaliser l'Unité des valeurs, Reconstruire, le

Chevalier Maçon peut espérer atteindre le plein Épanouissement du Parfait Maçon Libre dans une société juste et éclairée.

On ne manquera pas alors de noter que la première lettre de chacun des quatre mots clés des quatre Ordres du Rite Français, le J de justice, le U de Unité, le R de Reconstruction, et le É de Épanouissement, forment quand on les assemble, le mot JURÉ rappel du serment du maçon accompli. Et l'on conviendra sans peine que ce mot vaut autant que celui de INRI auquel on fait tout dire, c'est-à-dire n'importe quoi, pour éviter son véritable sens premier.

En définitive, il est certain que les rituels originaux possédaient une forte cohérence interne et une grande pertinence dans le cadre de l'ensemble des conceptions de cette époque de la fin du 18^{ème} siècle. L'évolution du monde au cours des 2 derniers siècles a rendu caduques ces conceptions, sauf pour nos FF.: de la GLNF. Ceux-ci peuvent encore "pratiquer" ces rituels dont le vécu ne comporte pas de contradiction avec leur conception du monde et de la Franc-maçonnerie. Mais, au GODF, pour le maître d'aujourd'hui les rituels que je viens de décrire plus haut pour Ordres de Sagesse me paraissent parler ce que j'appelais "*le langage des hommes*". Ils proposent un parcours cohérent et pertinent.

Peut-on maintenant relier de manière harmonieuse ce parcours du maçon dans les Ordres de Sagesse avec celui qu'il effectue dans les grades bleus ? Pour les fondateurs du GCG, les Ordres de Sagesse devaient compléter, préciser et approfondir les enseignements des 3 grades bleus comme il est dit dans les rituels du Grand Chapitre Métropolitain, à la fin du discours historique du 4^{ème} Ordre: "*toutes les connaissances maçonniques sont donc renfermées dans les trois grades symboliques; mais il a été nécessaire pour faciliter le travail de ceux qui aspirent à la découverte de la vérité, d'établir des classes (Ordres) dans lesquelles on peut donner une espèce de développement aux emblèmes qui s'offrent de toute part dans les trois premiers grades, sans cependant en tirer le voile entier.*". (De même que pour les chrétiens l'ancien testament annonce et préfigure le nouveau). Or dans la conception que je viens de développer, il est facile de faire la liaison entre les grades bleus et les Ordres de Sagesse. Voyons d'un peu plus près:

L'apprenti : la conquête de la liberté, ou de l'état de nature à celui de culture.

En devenant apprenti, le profane part à la conquête de la liberté: ce travail se heurte à deux sortes d'obstacles. Les premiers sont extérieurs à nous-mêmes. Ils procèdent des entraves naturelles qu'il a fallu peu à peu surmonter pour établir les conditions d'exercice d'une pensée vraiment libre; ils tiennent ensuite à tous les modes révolus de croyances et de pensées, héritage actuel des erreurs accumulées dans l'histoire passée. Les seconds obstacles sont à l'intérieur de nous-mêmes, et la conquête de notre liberté passe par la découverte, la compréhension et la domination de nos pulsions inconscientes qui oblitèrent notre liberté.

Et, c'est en devenant un homme vraiment libre que l'apprenti, comme l'Elu au 1er Ordre passera de l'état de nature à l'état de culture.

Le compagnon: ou l'union des hommes.

Le compagnon, comme son nom l'indique, est celui qui travaille avec d'autres hommes libres, cette union étant une condition nécessaire à un travail fécond. Seul, l'homme est faible, l'union fait la force. Mais cette union ne va constituer qu'une première étape, car sous des apparences vertueuses, l'union peut cacher des objectifs moins nobles. C'est en s'unissant que les hommes entreprennent de construire la tour de Babel. Mais surtout, nous maçons, rappelons-nous que: seul, chacun des trois mauvais compagnons n'aurait pas pu tuer Hiram, il a fallu que les trois s'unissent pour que le forfait puisse s'accomplir. L'union ne constitue qu'une première étape qui devra se poursuivre. Ce grade de compagnon est fécondé par celui de grand élu: la construction de la tour de Babel est remplacée par celle du Temple de Jérusalem.

Le Maître: ou la construction.

A ce grade, le Maître est un constructeur, en premier lieu celui du temple de Salomon, donc du Temple extérieur, mais il ne peut en être l'architecte que parce que l'on a reconnu sa sagesse et sa compétence. Donc il a aussi avancé dans la réalisation de son temple intérieur.

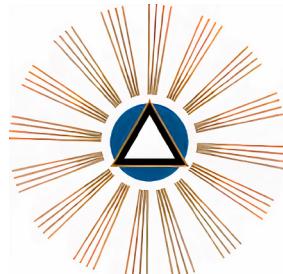
Cependant, il meurt assassiné, sa vie est détruite, il n'est pas arrivé au bout de son cheminement intérieur, et son œuvre n'est pas achevée. Toute civilisation, comme Hiram, est mortelle. Mais Hiram renaît dans le nouveau maître qui poursuivra l'œuvre commencée en y ajoutant la lucidité, et plus tard, ce Maître deviendra Chevalier au 3^{ème} Ordre.

Ainsi, nous pouvons dire que les Rituels du Rite Français présentent une grande pertinence: ils forment un tour homogène, harmonieux et cohérent qui les distingue des parcours des autres rituels. C'est par exemple le cas du REAA qui est un système hétérogène de hauts grades et qui lors de son arrivée en Europe en 1804 ne possédait pas de Grades bleus! (cf. *Le Guide des Maçons Ecossais*, Pierre Noël, Editions à l'Orient p.138).

Par contre le Rite Français a été construit dans la continuité et la cohérence: fait par des francs-maçons du GODE, pour des francs-maçons du GODE, il constitue donc un système exemplaire.

Jean-Charles Nehr

11 octobre 2018



Portugal entre Colunas



Um prédio na Rua da Escola da Medicina Veterinária

No centro de Lisboa, na anónima Rua da Escola da Medicina Veterinária (entre o Liceu Camões e a sede da Polícia Judiciária), existe um edifício com evidente simbologia maçónica. O frontão, que poderia ser de um templo maçónico, tem ao centro um esquadro e um compasso, e a fachada inclui ainda várias estrelas de cinco pontas. A presença de símbolos maçónicos no edificado lisboeta é rara. A sua existência neste prédio de 1916 não tem explicação nossa conhecida, mas no próximo número da nossa Fanzine contamos esclarecer os leitores sobre o arquitecto autor do traçado deste prédio tão singular.

Ricardo Gaio Alves
Junho de 2022

DEGUSTAÇÕES

RECENSÕES

“*La franc-maçonnerie, fille des Lumières*” de Cécile Révauger, com Prefácio de Philippe Guglielmi

Em janeiro de 2022 foi editado pela “Conform édition” (Paris), o livro “*La franc-maçonnerie, fille des Lumières*” de autoria da Irmã Cécile Révauger. Esta obra insere-se na excelente “Collection Pollen maçonnique”, da qual é já o vigésimo quarto livro publicado. Torna-se dispensável apresentar a autora, pois a Irmã Cécile Révauger é bem conhecida na Maçonaria Portuguesa, muito especialmente entre os Irmãos e Irmãs que praticam o Rito Francês, tendo a FANZINE, no seu nº 5, publicado uma recensão referente ao seu anterior livro, “*Que faire... em Loge ?*” (Dervy, 2021).

Quando já nos aproximamos do ano comemorativo do tricentenário das Constituições de 1723, relativamente às quais o Grande Oriente Lusitano, enquanto Obediência adogmática, se subordina ao espírito, e não à letra, o presente livro torna-se particularmente interessante, uma vez que aprofunda todos os aspetos Histórico-Filosóficos, que estiveram na base do nascimento da Maçonaria dos Modernos. Partindo de uma revisitação das ideias dos principais filósofos do Iluminismo Inglês e Escocês, em particular de John Locke e de David Hume, e evidenciando os contributos das correntes continentais posteriores, que a Historiadora norte-americana Margaret Jacob denominou de “*iluminismo radical*”, a Irmã Cécile Révauger apresenta-nos uma excelente reflexão no que concerne à construção da matriz ideológica da Maçonaria do século XVIII. Assim, conclui que

“...É a Locke mas também a Montesquieu que as Lojas devem as noções de respeito das Constituições, de equilíbrio de poderes, de tolerância religiosa. É a Kant, a Mendelssohn e a Weishaupt que cada Maçon deve o seu desejo de autoaperfeiçoamento, de trabalho sobre si próprio graças à razão...”. De acordo com a perspetiva da autora, nas nossas Maçonarias adogmáticas, estas características persistem, uma vez que “...Qualquer que seja a sua “idade maçónica”, o maçon é sempre convidado a servir-se do seu entendimento, a guardar o seu espírito crítico. Tudo é caso de razão”.

Por intermédio de uma reflexão crítica sobre as debilidades e as forças da sociabilidade do século das Luzes, a Irmã Cécile Révauger chega à conclusão de que “*A exclusão das mulheres é o pecado original da franco-maçonaria*”. Porém, com base numa análise do contexto da época, a autora absolve James Anderson e John Theophilus Desagulier deste “*delito*”, ressaltando bem o caráter progressista para a época do texto das Constituições de 1723, e o facto de as mulheres, em Inglaterra, nessa altura se encontrarem completamente excluídas da esfera pública, sendo-lhes impedido o acesso a qualquer tipo de sociabilidade diferente dos clubes bíblicos. É precisamente com base nesta leitura, com a qual nos identificamos completamente, que se nos afigura ferida de anacronismo a atitude seguida por alguns Irmãos e Irmãs da nossa Maçonaria, de censurarem, nos textos dos rituais, as menções

às Constituições de Anderson, sob pretexto de se tratar de um texto “*reacionário*”. Ser Tradicionalista é sobretudo insuflar o espírito, em detrimento de conservar a letra, respeitando a importância dos documentos fundacionais. Se a herança filosófico-simbólica da Maçonaria dos Modernos constitui um dos mais importantes fundamentos Históricos do Rito Francês, do qual derivaram, em maior ou menor grau, todos os restantes Ritos Maçónicos Continentais, é perfeitamente natural que este percurso seja relembrado aos seus praticantes, através de menções às Constituições de 1723, entendidas como marco no processo de construção de uma forma de sociabilidade até então inédita, destinada a aproximar homens que de outra forma permaneceriam separados.

Parece-nos, assim, que este novo livro da Irmã Cécile Révauger é uma obra muito interessante, particularmente útil para todos aqueles a quem ela a dedica: “...tous ceux qui ont confiance en la raison”. Para quem persista em visões dogmáticas, mais ou menos perenialistas, no que diz respeito às origens da Maçonaria, entendida como tradição imutável e imemorial, aconselha-se vivamente que não o leia, enquanto não se predispor, bem no espírito das Luzes, a ousar pensar.

Joaquim Grave dos Santos



“Le symbole, outil des francs-maçons”

de Jean-Charles Nehr, com Introdução de Philippe Guglielmi e Prefácio de Cécile Révauger

Em abril de 2022 foi editado pela “Conform édition” (Paris), o livro “Le symbole, outil des francs-maçons” de autoria do Irmão Jean-Charles Nehr, passado ao Oriente Eterno em novembro do ano anterior. O mesmo encontrava-se a concluir o seu trabalho quando faleceu, tendo a Irmã Cécile Révauger, com a autorização da sua família e do seu editor, procedido a uma revisão do texto do livro, para o qual Jean-Charles Nehr não teve possibilidade de nos deixar escrita uma conclusão. Situação esta que a Irmã Cécile Révauger comenta, no seu Prefácio, referindo que: “...será o leitor a concluir, o que não teria desagradado ao autor”.

Como nos diz o Irmão Jean-Charles Nehr, “Este livro foi escrito por um franco-maçon do Grande Oriente de França a partir da sua experiência nesta Obediência e somente o compromete a ele. O trabalho aqui exposto prolonga, precisa e completa uma reflexão iniciada nos anos 70 (Essai sur le symbolisme maçonnique, publicação interna do GOdF, 1973), reflexão prosseguida num outro livro (Symbolisme et Franc-maçonnierie, publicação Edimaf 1997 reeditada em 2008, edição À l’Orient)”. Numa época em que a “Simbolatria” invadiu muita da nossa prática Maçónica atual, que frequentemente se esgota em reflexões estéreis sobre o significante (o Símbolo) em si próprio, em detrimento do trabalho sobre o significado (os valores Maçónicos), Jean-Charles Nehr tinha consciência que “Nestes tempos de confusão, escrever sobre o simbolismo maçónico é uma empreitada perigosa: quando dizeis a um jovem Aprendiz, que não há muito tempo ninguém em Sessão usava luvas, que somente os Aprendizes e

os Companheiros usavam um avental, que os Mestres usavam simplesmente a sua faixa, e se prosseguires afirmando que se fumava em Loja, e que mesmo as vossas impressões de iniciação foram discutidas em Sessão, vereis a incomprensão aparecer na face do vosso interlocutor, que vos verá como sendo o último descendente dos Maçons das tabernas, insensível ao charme do caráter sagrado do quadrado longo”.

Assim, o autor, com a clareza de pensamento que o caracterizava, desconstroi muitas das ideias feitas, que se encontram generalizadas na Maçonaria atual, evidenciando a falta de fundamento de muito do que foi escrito sobre o Simbolismo Maçónico, por autores que hoje são “clássicos” nesta matéria, cujas obras continuam a constituir o cerne da bibliografia correntemente recomendada pelas Lojas aos seus novos membros. Jean-Charles Nehr alerta para os perigos da dogmatização das interpretações dos Símbolos Maçónicos, reiterando que a hermeneutica dos mesmos deve ser sempre contextualizada, tendo em conta o que se pretende transmitir e o grupo a que se destina. Entende, pois, como erros de transmissão algumas opiniões destes autores, a quem ele deixa a muito Fraterna mensagem: “Les appréciations critiques que j'avance portent sur les textes, non pas sur les auteurs ou auteuses: si je pense, mon frère, ma soeur, que tu écris des bêtises (moi aussi j'en écris), ce n'est pas pour cela que je ne t'aime pas ! Qu'on se le dise!”.

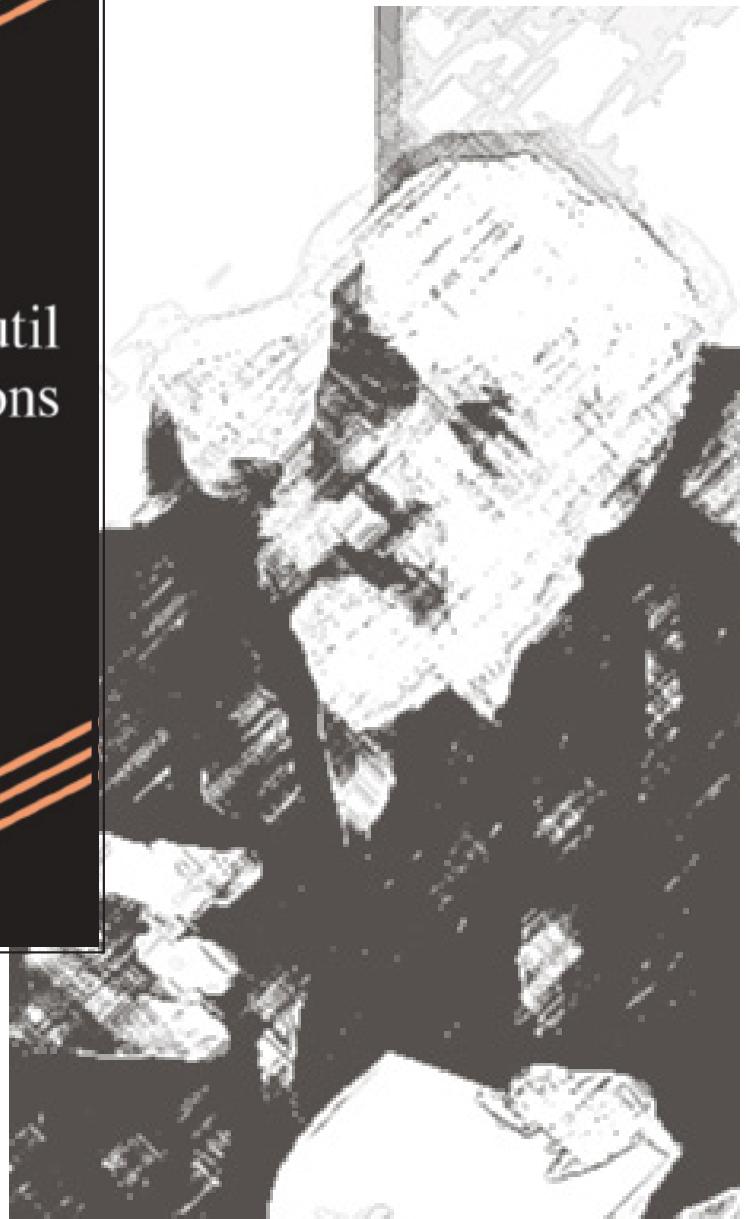
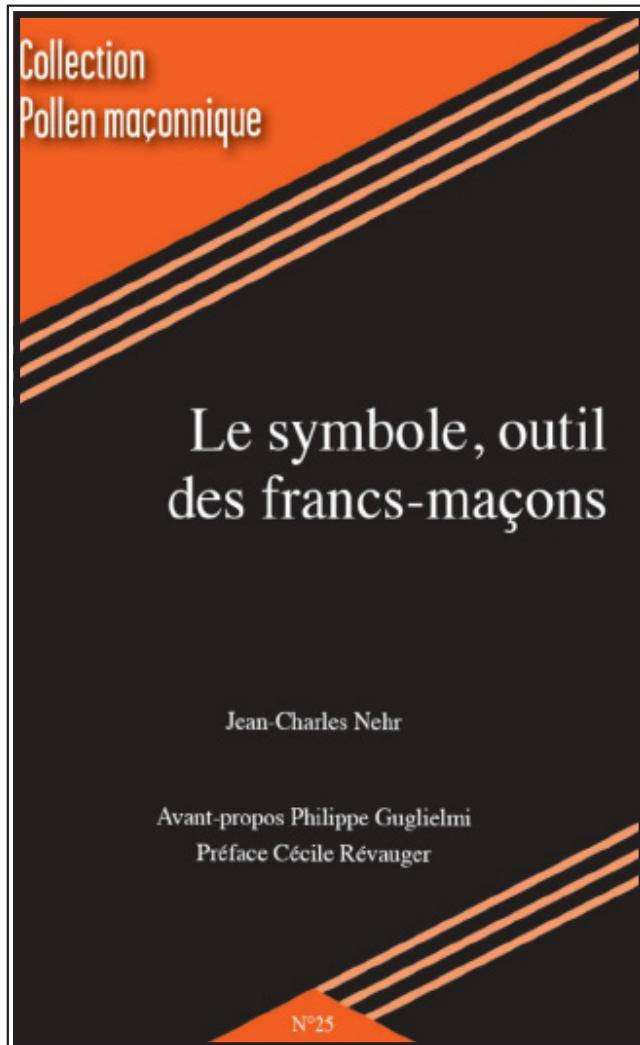
Numa segunda parte da obra denominada de “Candide au pays des Symboles”, o autor analisa os mais importantes aspectos associados aos principais

Símbolos e práticas das Lojas Maçónicas, deixando pistas para uma correta valorização do Simbolismo enquanto ferramenta do pensamento, no âmbito de uma Maçonaria adogmática e progressista.

O presente livro trata-se, pois, de uma obra indispensável, que tal como os anteriores trabalhos do mesmo autor, é leitura muito recomendável a todos os Irmãos e Irmãs que encontraram no Rito Francês o seu Estaleiro de trabalho. Aqui o Símbolo não é mais do que um microscópio, que permite observar o facto social segundo uma dada perspetiva, que se conjuga com outras, na busca de uma nova

optica mais Humanista para uma dada questão. Para todos nós, que acreditamos na Maçonaria não como conservatório do imaginário de uma dada época, mas sim como ferramenta viva do pensamento livre, que se reinventa no Aqui e Agora com vista ao aperfeiçoamento dos Seres Humanos e das Sociedades, faz todo o sentido a conclusão de Jean-Charles Nehr: “*Não à Simbolatria !*”.

Joaquim Grave dos Santos



“Le 1er Ordre du Rite Français – Maître Élu – De la Vengeance à la Justice”

de Gérard Contremoulin

As publicações de livros relativos ao Rito Francês, e às suas Ordens de Sabedoria, tem sido frequente, e vários têm sido os trabalhos editados que abordam a Ia Ordem. Faltava-nos, todavia, um trabalho exaustivo sobre as quatro Ordens Capitulares, que integrasse todo o percurso pós-Mestria do Rito Francês, aprofundando o conteúdo específico de cada Ordem, bem como a lógica da sua inserção na coerência global do sistema, tal como é praticado atualmente. Com a publicação, em dezembro de 2021, pela Éditions Detrad aVs, de um conjunto de quatro livros do Irmão Gérard Contremoulin, cada um referente a uma das Ordens de Sabedoria, integrados na “Collection Les Cahiers de Rite Français”, esta lacuna encontra-se suprida, abordando-se na presente recensão critica o primeiro volume desta série, intitulado “Le 1er Ordre du Rite Français – Maître Élu – De la Vengeance à la Justice”.

O Irmão Gérard Contremoulin é um autor bem conhecido, entre os praticantes do Rito Francês. Iniciado em 1982 na Respeitável Loja Droiture et Solidarité, do Grande Oriente de França, foi fundador das Respeitáveis Lojas Frédéric Desmons – Laïcité, e L’Europe des Lumières, tendo presidido ao “Convent” da sua Obediência em 2006. Foi membro do Conselho da Ordem entre 2008 e 2011, e é obreiro do Grand Chapitre Général Rite Français – GODF desde 1998, tendo sido recebido na Va Ordem em 2005. No âmbito da mesma, exerceu por duas vezes as funções de Perfeito. Para além de ser colaborador frequente das revistas editadas pela sua Obediência, o Irmão Contremoulin anima um blog (*Sous la Voûte étoilée*) dedicado ao Rito Francês, onde tem partilhado numerosas reflexões relativas a temas do mesmo.

No seu livro sobre a Ia Ordem, o Irmão Gérard Contremoulin apresenta-nos uma abordagem sistemática, e pragmática, do conteúdo deste primeiro momento do percurso Capitular no Rito Francês, abordando o Discurso Histórico, a Instrução, o ambiente iniciático no qual se conjugam personagens e locais, uma nova concepção do tempo, números e Palavras, o Quadro da Ordem, bem como a noção essencial de novos deveres. Dado que trabalhar nas Ordens de Sabedoria consiste sobretudo em pensar, usando como suporte a sua Simbólica para uma análise racional do facto social, o Irmão Contremoulin propõe ao leitor nove pistas de reflexão, que orientam o trabalho em Ia Ordem, explorando convenientemente o lema que o direciona: “Da Vingança à Justiça”.

Trata-se, pois, de uma obra muito útil, não só para todo o Irmão ou Irmã recentemente recebidos num Capítulo Francês, mas igualmente para todos os Bem Amados Irmãos e Irmãs que trilhem este percurso já há bastante tempo, pois encontrarão aqui certamente pistas exploratórias interessantes, que lhes permitirão aprofundar, enquanto Humanistas, as questões filosóficas e societárias associadas à problemática da Justiça, tão características do trabalho em Ia Ordem.

Joaquim Grave dos Santos



ATUALIDADES

Colóquio WCF 2022 - Paris



Decorreu em Paris, nos dias 10 e 11 de junho, o Colóquio WCF (World Conference of Freemasonry) 2022, inicialmente previsto para o ano anterior, mas forçosamente adiado, devido às condições sanitárias não terem permitido a sua realização nessa data. As conferências decorreram, no dia 10, nas instalações do Grande Oriente de França (Templos Arthur Groussier, Lafayette, e Joannis Corneloup), na Rue Cadet, e no dia 11 no Pequeno Auditório da Bibliothèque Nationale de France – Site François Mitterrand.

Este evento, extraordinariamente bem organizado pelo Grand Chapitre Général Rite Français – Grand Orient de France, e pela Obediência que o acolhe, com grande envolvimento pessoal da Irmã Cécile Révauger e do Irmão Pierre Mollier, integrou ainda um painel da responsabilidade do IDERM (Institut d'Études et Recherches Maçonniques), coordenado pelo seu Diretor, Irmão Éric Saunier. Este compreendeu conferências subordinadas ao tema Franc-maçonnerie et couleur: de l'esclavage à la libération (XVIII-XX^e siècle). No mesmo, Portugal esteve representado pelo Irmão Fernando Marques da Costa, que apresentou

uma comunicação intitulada: *Les Francs-maçons portugais entre esclavagisme et anti-esclavagisme*.

Muito embora o colóquio tenha integrado um painel dedicado às origens dos Manuscritos Francken, bem como um outro preenchido com temas variados, a maior parte das comunicações apresentadas centraram-se no Rito Francês. As mesmas estiveram compreendidas em três painéis distintos, com os temas: *Le Rite Français et la Culture des Lumières*, *Développement du Rite Français*, e *The French Rite Indebted to the Enlightenment*, tendo decorrido os dois primeiros no dia 10, nos Templos Arthur Groussier e Lafayette, e o último no dia seguinte, no Pequeno Auditório da BNF.

A nossa Jurisdição esteve representada neste evento, não só através da presença do Mui Sábio e Perfeito Grande Venerável, Mui Ilustre Irmão Alberto Lourenço, e do Mui Ilustre Irmão Paulo Oliveira, Membro da Câmara de Administração, como também pelo facto de o Nosso Bem Amado Irmão Joaquim Grave dos Santos ter sido convidado a apresentar uma comunicação. Assim, no âmbito do painel *Développement du Rite Français*, coordenado pelo Grand Sécretaire aux Affaires Extérieures do GCGRF-GOdF, Mui Ilustre Irmão Rui Lopes, e que integrou trabalhos dos Irmãos Luís Pla Alos, Laure Caille, Joseph Wäges, Paul Leblanc, Didier Molines, e Gérard Contremoulin, este nosso Irmão apresentou a comunicação *Rite Français et Lumières à travers les Archives de l'Inquisition Portugaise*. Também o Grande Capítulo Geral Feminino de Portugal esteve presente neste evento, através de uma representante da sua Câmara de Administração e de várias Bem Amadas Irmãs Eleitas.

Os trabalhos finais, decorridos no dia 11, foram abertos pelo Grão Mestre do GOdF Muito Respeitável Irmão Georges Sérignac, e encerrados pelo Mui Sábio e Perfeito Grande Venerável do GCGRF-GOdF, Mui Ilustre Irmão Philippe Guglielmi, sobressaindo deste evento a grande vitalidade atual do Rito Francês, e o excelente trabalho desenvolvido por esta Jurisdição, que conta já com mais de 6000 membros, e 210 Soberanos Capítulos. Desta presença do GCGP-RF em Paris releva-se a consolidação, no âmbito internacional, da nossa Jurisdição, fruto do trabalho interno que desenvolveu nos últimos anos, tanto a nível de crescimento sustentado, como de aprofundamento da prática ritual e dos aspectos filosóficos do Rito no global, e das Ordens de Sabedoria em particular, e que a situam, atualmente, na primeira linha dos Grandes Capítulos Gerais que integram a Carta de Lisboa.



Banquete de Eleitos realizado no Convento de Cristo, em Tomar

No passado dia 9 de julho realizou-se no Convento de Cristo, em Tomar, um Banquete de Eleitos, organizado conjuntamente pelo Soberano Capítulo Liberdade, ao Vale de Lisboa, e pelo Soberano Capítulo Sabedoria, ao Vale do Porto, sendo os Trabalhos dirigidos pelo Mui Sábio e Perfeito Mestre da primeira destas Oficinas Filosóficas, e tendo contado com a presença do Mui Sábio e Perfeito Grande Venerável do Grande Capítulo Geral de Portugal – Rito Francês, Mui Ilustre Irmão Alberto Lourenço. Neste Conselho de Mesa participaram cerca de 50 Irmãos e Irmãs Eleitos, pertencentes aos dois Soberanos Capítulos organizadores, ao Soberano Capítulo Fraternidade, ao Vale de Lisboa, ao Soberano Capítulo Igualdade, ao Vale de Almancil, e aos Soberanos Capítulos Mátria, e O Tempo e o Modo, do Grande Capítulo Geral Feminino de Portugal, que se fez representar ao mais alto nível, pela sua Mui Sábia e Perfeita Grande Venerável, Mui Ilustre Irmã Feliciana Ferreira.



Os Trabalhos Rituais foram precedidos por uma visita guiada ao Convento de Cristo, sede da Ordem do Templo em Portugal. Se no Rito Francês o mito Templário não se encontra tão presente como noutras Ritos Maçónicos (RER, Rito Sueco, REAA,...), a Cavalaria não deixa de ser uma das grandes fontes de parte importante do seu corpus simbólico.

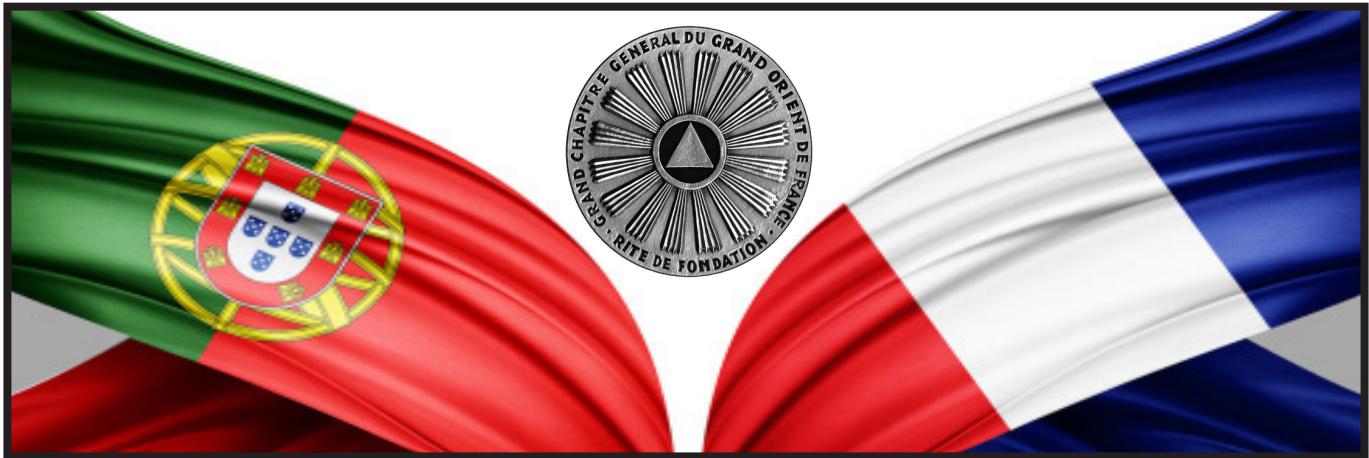
Bem na Tradição Francesa, os Trabalhos de Mesa foram abrillantados com a apresentação de um Balaústre em Ia Ordem, por parte do Mui Sábio e Perfeito Mestre do SC Fraternidade, por declamações de poesia, e por uma Coluna de Harmonia bem adaptada aos Trabalhos em

causa. Foi um momento de grande Fraternidade, que culminou um Ano Maçónico extremamente positivo para a consolidação da prática, em Portugal, das Ordens de Sabedoria sob a égide da Carta de Lisboa. A revista FANZINE endereça as suas felicitações aos Soberanos Capítulos organizadores, muito em particular ao “jovem” Soberano Capítulo Sabedoria, ao Vale do Porto, que apenas com três anos passados desde que foram acendido os seus Fogos, evidencia já grande qualidade e dinamismo,

perspetivando que as Ordens de Sabedoria do Rito Francês poderão vir a ter um futuro brilhante, na Cidade Invicta. Salienta-se, também esta frutuosa interação entre duas Oficinas Filosóficas de Vales distantes na organização de um evento de âmbito nacional, o que prova que quando existe Unidade dos Valores, a União dos Homens é tarefa fácil, pois a Fraternidade, na optica do Rito Francês, será sempre “*a glória, a base, o cimento, e a pedra angular da nossa antiga Confraria*”.



POUR NOS LECTEURS FRANCOPHONES



Comme le nombre de lecteurs francophones de notre FANZINE ne cesse d'augmenter, nous pensons qu'il convient d'inclure une brève description, en français, de ce numéro 8, dont le thème principal est "*Ombre et Lumière*".

Ainsi, dans ce FANZINE :

- Notre Bien Aimé Frère Alberto Lourenço, à travers un article intitulé "*par des chemins obscurs*", aborde l'importance de la raison, de la connaissance et de la conscience, dans le choix des meilleurs chemins pour l'Humanité.
- Notre Bien Aimé Frère Ricardo Alves, dans un travail intitulé "*Punir les meurtriers*", basé sur le mythe du Premier Ordre, soulève plusieurs questions concernant le conflit militaire en cours en Ukraine.
- Sur la base des événements qui se sont déroulés au camp de concentration de Mauthausen pendant la Seconde Guerre mondiale, notre Bien Aimé frère MB aborde les questions de conscience dans un article intitulé "*La conscience est un juge inflexible – Pas du tout*".
- Dans l'article "*Ombre-Lumière, Guerre-Paix : Vaincre ou Mourir*", notre Bien Aimée Sœur Alexandra Mota Torres réitère la nécessité de combattre tout ce qui met en péril deux valeurs essentielles de la Franc-Maçonnerie : la Vie Humaine et la Liberté.
- Notre Bien Aimée Sœur Maria José Matos, dans son travail "*De la métaphore au sens de la vie*", évoque la possibilité pour chacun de trouver un sens à sa vie, à travers l'herméneutique rationnelle des mythes maçonniques.
- Notre Bien Aimé Frère Fernando Capela Miguel, dans son article "*Diaboliquement parlant*", aborde les problèmes d'inégalité entre les genres, qui persistent dans la franc-maçonnerie elle-même.
- Enfin, dans le travail "*Est-ce qu'Android est le représentant ultime de l'évolution humaine?*", notre Bien Aimé Frère Al Gore aborde certaines questions éthiques associées à l'homme augmenté.

Sur le thème "*Rite Français*" , ce numéro 8 comprend un hommage à Jean-Charles Nehr, publant l'un de ses excellents Planches.

